

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

KELLY CARINE DOS SANTOS

**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ E A VARIAÇÃO DE *NÓS* X A *GENTE* NA FALA DE
DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

São Cristóvão/SE

2014

KELLY CARINE DOS SANTOS

**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ E A VARIAÇÃO DE *NÓS* X *A GENTE* NA FALA DE
DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Descrição, Leitura e Escrita da Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag

São Cristóvão/SE

2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237e Santos, Kelly Carine dos
Estratégias de polidez e a variação de nós x a gente na fala de
discentes da Universidade Federal de Sergipe / Kelly Carine dos
Santos ; orientadora Raquel Meister Ko Freitag. – São Cristóvão,
2014.
87 f. : il.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal
de Sergipe, 2014.

1. Sociolingüística. 2. Redes de relações sociais. 3.
Comunidade de práticas de alunos da UFS. I. Freitag, Raquel
Meister Ko, orient. II. Título.

CDU 81'27

KELLY CARINE DOS SANTOS

**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ E A VARIAÇÃO DE *NÓS X A GENTE* NA FALA DE
DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Descrição, Leitura e Escrita da Língua Portuguesa.

Dissertação aprovada em 24/03/2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente - Orientadora

Profa. Dra. Maria Alice Tavares - UFRN
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
1ª Examinadora - Externa

Profa. Dra. Isabel Cristina Michelin de Azevedo - UFS
Universidade Federal de Sergipe
2ª Examinadora - Interna

Aos meus Mestres Acácio Militão e Raquel Freitag,
que foram fundamentais para a realização desta pesquisa,
dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter iluminado o meu caminho durante esta trajetória.

À minha orientadora, Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, pela orientação, paciência, dedicação, preocupação, profissionalismo e amizade. Sei o quanto você foi e é importante para a minha carreira acadêmica. Obrigada por tudo!

Aos meus pais, irmão e demais parentes e amigos que sempre me incentivaram e me apoiaram no que foi necessário.

Às minhas colegas do mestrado, Andréia Araújo, Fernanda Bispo, Eccia Barreto, Solange Santos, Katiana Almeida, Marcle Vanessa e todas as outras que tive a oportunidade de conhecer neste percurso, pelo apoio e companheirismo.

Aos informantes do banco de dados *Rede Social de Informantes Universitários*, pela colaboração para esta pesquisa.

Aos membros da banca examinadora de qualificação, Profa. Dra. Isabel Azevedo (UFS) e Profa. Dra. Norma Lúcia (UEFS), que colaboraram com suas significativas sugestões.

Aos membros da banca examinadora de defesa, Profa. Dra. Isabel Azevedo (UFS) e Profa. Dra. Maria Alice (UFRN), por fazerem observações bastante pertinentes para este estudo.

Enfim, muito obrigada a todos!

“Duas palavras podem ser sinônimas no seu sentido denotativo, mas uma será usada no caso de um falante sentir-se favorável com relação ao objeto que a palavra denota, e outra, no caso de se sentir desfavorável”.

Robin Lakoff

RESUMO

Atualmente, há no paradigma pronominal do português falado no Brasil duas formas de referência à 1ª pessoa do plural: a forma *nós*, forma mais tradicional de se referir a um *eu* mais *outra* ou *outras pessoas*, e a forma *a gente*, forma inovadora que possui a mesma carga semântica da sua variante. Tal alternância de referência à 1ª pessoa do plural, já estudada do ponto de vista sociolinguístico, pode ser verificada também por meio dos estudos pragmáticos, uma vez que a partir da polidez, uma variável pragmática, é possível inferir quais contextos favorecem a utilização de uma ou outra forma. Brown e Levinson (2011 [1987]), ao tratarem a polidez como uma estratégia linguística utilizada com o objetivo de preservar a face do falante e a face do ouvinte, no intuito de estabelecer uma comunicação sem atritos, consideram que três estratégias podem influenciar nos contextos linguísticos com valor de polidez: as relações de poder entre os falantes, a distância social e o custo de imposição. Além dessas estratégias pragmáticas, consideramos o sexo/gênero como fator que também pode se mostrar significativo na escolha de estratégias de polidez. Em virtude da ausência de estudos sobre a variação de *nós/a gente* sob a perspectiva da polidez, e entendendo a necessidade de trazer tais discussões para os estudos sociolinguísticos, nos propomos a analisar, a partir do modelo de polidez de Brown e Levinson (2011 [1987]), a influência de contextos mais polidos e contextos menos polidos na frequência de uso das formas *nós/a gente*, bem como os efeitos do tipo de coleta de dados, verificando, assim, a importância dos fatores pragmáticos na análise sociolinguística. Tomamos como *corpus* de análise deste estudo as amostras *Rede Social de Informantes Universitários* (ARAUJO; FREITAG; SANTOS, 2013) – formada a partir de interações a fim de atender às necessidades de captar as nuances de polidez indispensáveis para esse estudo – e *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012) – formada a partir de entrevistas sociolinguísticas, seguindo a metodologia de coleta da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) – ambas constituídas de dados de fala de informantes da comunidade de prática de alunos do Campus Prof. Alberto Carvalho/UFS. A análise quantitativa de orientação variacionista aponta que os contextos de maior polidez (falante com domínio do tópico, com laços fracos de relacionamento e do sexo oposto ao do seu interlocutor) favoreceram a aplicação da variante inovadora, talvez como uma estratégia de aproximação. Os três contextos de polidez – positivo, negativo e encoberto – também favoreceram a aplicação da variante *a gente*; a qual também foi favorecida pelo fator sexo/gênero, em relações simétricas com mulheres e entre pessoas com alto grau de distância social. Os resultados também evidenciam que a metodologia de coleta em rede social resultou em maior produtividade da forma *a gente*, em comparação ao método de coleta de dados a partir de entrevistas sociolinguísticas. Concluimos, assim, que os resultados apontam para uma alta aplicação da forma *a gente* na comunidade de prática de alunos da Universidade Federal de Sergipe, e que esses dados puderam ser analisados pelo viés pragmático a partir de uma nova metodologia de coleta de dados.

Palavras-chave: Nós/A gente; Polidez; Comunidade de prática de alunos da UFS; Rede social.

ABSTRACT

Nowadays, there are two ways of referring to the first person plural in Brazil's spoken Portuguese language pronoun paradigm: *nós*, the most traditional way to refer to *I plus one person or more people*, and *a gente*, an innovative way which also designates *I plus one person or more people*. Such alternation related to the first person plural has been already studied from the sociolinguistic point of view, which can also be verified through pragmatic studies, taking into consideration that from politeness, a pragmatic variable, it can be inferred which contexts favour the use of one form or another. Brown and Levinson (2011 [1987]), while discussing politeness as a linguistic strategy used so that both speaker and listener's faces are preserved, in order to establish communication without conflicts, considered that three strategies can influence the linguistic contexts with politeness value: power relations among speakers, social distance and cost of imposition. Besides these pragmatic strategies, we considered the pair sex/gender as a factor that may also be significant to politeness strategies choice. Due to the lack of studies about the variation of *nós/a gente* from the politeness perspective, and understanding the need of discussing such topics in sociolinguistic studies, we intend to analyse, from Brown and Levinson's (2011 [1987]) model of politeness, the influence of more polite and less polite contexts in the frequency of *nós/a gente* forms usages as well as the effects of this type of data collection, so that it could be verified the importance of pragmatic factors in sociolinguistic analysis. In this study, our scope of analysis were *corpora* samples taken from *Social Network of University Students Informants* (ARAUJO; FREITAG; SANTOS, 2013), comprised by interactions that capture the nuances of politeness, which are essential to this study – and *Itabaiana / SE's Intellectual Speakers* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012) – comprised by sociolinguistic interviews, which followed sociolinguistic variation methodology of collection (LABOV 2008 [1972]). In this sense, it is noteworthy that both samples were recorded speech data from informants of students' community of practice of campus Professor Alberto Carvalho (UFS). The quantitative analysis of variation orientation indicates that the contexts with a high degree of politeness (a speaker who knows the topic but does not have a bond with their opposite sex counterpart) favoured the application of an innovative variant (*a gente*), which perhaps was an approach strategy. The results also show that the collection methodology in social network resulted in higher productivity of *a gente* when compared to data collection method of sociolinguistic interviews. Therefore, we conclude that the results point to a high application of *a gente* form in the community of practice of Federal University of Sergipe (UFS) students, and these data can be analysed from a pragmatic bias through a new data collection methodology.

Keywords: Nós/A gente (we); Politeness; UFS students community of practice; Social network.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
1 ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ	16
2 VARIAÇÃO <i>NÓS/A GENTE</i> E POLIDEZ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	24
2.1 SEXO/GÊNERO	24
2.2 MULTIRREFERENCIALIDADE	26
2.3 MARCA MORFÊMICA.....	28
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
3.1 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA	30
3.2 BANCOS DE DADOS.....	32
3.2.1 Rede Social de Informantes Universitários.....	32
3.2.2 Falantes cultos de Itabaiana/SE.....	38
3.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS.....	38
3.3.1 Variáveis pragmáticas.....	38
3.3.2 Variáveis sociais.....	39
3.3.3 Variáveis linguísticas.....	39
3.4 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	40
4 <i>NÓS E A GENTE</i> NA FALA DE ITABAIANA	41
4.1 RESULTADOS GERAIS	41
4.2 PREENCHIMENTO DO SUJEITO.....	45
4.3 MARCA MORFÊMICA.....	47
4.4 TEMPO VERBAL	49
4.5 MULTIRREFERENCIALIDADE	51
4.6 SEXO/GÊNERO	57
4.7 SIMETRIA.....	58
4.8 DISTÂNCIA SOCIAL	60
4.9 RELAÇÃO DE PODER NO TÓPICO CONVERSACIONAL	63
4.10 CUSTO DA IMPOSIÇÃO E ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ	64
4.11 TENDÊNCIAS DE USO DE <i>NÓS E A GENTE</i> , TIPO DE AMOSTRA E A POLIDEZ	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
APÊNDICES	73
APÊNDICE A – CONTROLE DO GRAU DE RELAÇÃO ENTRE OS INFORMANTES DA REDE SOCIAL	74
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	76
APÊNDICE C – CARTÕES PARA AS INTERAÇÕES CONDUZIDAS	77
ANEXOS	85
ANEXO A – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE.....	86

ANEXO B – NORMAS ADOTADAS PELO GRUPO DE ESTUDOS EM LINGUAGEM INTERAÇÃO E SOCIEDADE (GELINS) PARA A REALIZAÇÃO DE TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA	87
---	-----------

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Circunstâncias que determinam as escolhas das estratégias.....	19
Figura 2: <i>Continuum</i> do grau de polidez.	22
Figura 3: Fórmula para avaliar a quantidade de trabalho de face requerida de um FTA.	23
Figura 4: Localização de Itabaiana/SE.	31
Figura 5: Estrutura de rede social densa, multiplexa, com a primeira e a segunda ordem.....	33
Figura 6: Rede social pessoal de densidade baixa, uniplexa.	34
Figura 7: Rede Social dos oito informantes universitários do campus Prof. Alberto Carvalho/UFS.	35
Gráfico 1: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas amostras analisadas.	42
Gráfico 2: Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> por indivíduo da amostra.	43
Tabela 1: Resultados do uso de <i>a gente</i> e a variável sexo/gênero.	25
Tabela 2: Resultados do uso de <i>a gente</i> e a multirreferencialidade do sujeito.....	26
Tabela 3: Distribuição dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> em tipos de uso particulares.	27
Tabela 4: Resultados do uso de <i>a gente</i> e a variável marca morfêmica.	28
Tabela 5: Uso de <i>a gente</i> nos dois tipos de amostras.	42
Tabela 6: Uso de <i>a gente</i> por indivíduo da amostra.	44
Tabela 7: Contexto de polidez e variação nós x a gente.	45
Tabela 8: Uso de <i>a gente</i> e Preenchimento do sujeito.....	46
Tabela 9: Contextos de polidez e Sujeito preenchido.	46
Tabela 10: Uso de <i>a gente</i> e Marca morfêmica.	47
Tabela 11: Contexto de polidez e marca morfêmica –Ø.	48
Tabela 12: Uso de <i>a gente</i> e Forma do verbo, por amostra.	48
Tabela 13: Uso de <i>a gente</i> e Tempo verbal.	50
Tabela 14: Contexto de polidez e os tempos verbais para o uso de <i>a gente</i>	50
Tabela 15: Uso de <i>a gente</i> e Multirreferencialidade.	55
Tabela 16: Uso de <i>a gente</i> e correlação entre Grau de distância social e Referência das Interações.....	56
Tabela 17: Contexto de polidez e a multirreferencialidade para o uso de <i>a gente</i>	56
Tabela 18: Uso de <i>a gente</i> e o fator Sexo/gênero.	57
Tabela 19: Uso de <i>a gente</i> e o fator Sexo/gênero, nas interações.	57
Tabela 20: Contexto de polidez e o uso de <i>a gente</i> por sexo/gênero.....	58
Tabela 21: Uso de <i>a gente</i> e Relação.	59
Tabela 22: Uso de <i>a gente</i> e Relação, no banco de dados Falantes Cultos.	59
Tabela 23: Uso de <i>a gente</i> e Relação, no banco Rede Social.....	59
Tabela 24: Uso de <i>a gente</i> e Distância social.	61
Tabela 25: Uso de <i>a gente</i> e Distância social, nas entrevistas.	61
Tabela 26: Uso de <i>a gente</i> e Distância social, nas interações.	62
Tabela 27: Uso de <i>a gente</i> e correlação entre Sexo/gênero e Distância social, nas interações.	62
Tabela 28: Uso de <i>a gente</i> e correlação entre Indivíduo e Locutor/Interlocutor, nas interações.	63
Tabela 29: Uso de <i>a gente</i> e correlação entre Indivíduo e Locutor/Interlocutor, nas entrevistas.	63
Tabela 30: Uso de <i>a gente</i> e Estratégias de polidez, nas Interações.	65

INTRODUÇÃO

O português brasileiro está passando por processos de mudanças no seu paradigma pronominal. No Quadro 1, temos a representação do paradigma pronominal tradicional, encontrado nas gramáticas tradicionais, que em alguns casos não mais condiz com a realidade falada brasileira, em contraste com o paradigma do uso atual dos pronomes pessoais do caso reto.

Quadro 1: Paradigmas dos pronomes pessoais do caso reto no português brasileiro.

Paradigma tradicional	Paradigma de uso atual
Eu	Eu
Tu	Tu/você
Ele/ela	Ele/ela
Nós	Nós/a gente
Vós	Vocês
Eles/elas	Eles/elas

Como podemos verificar no Quadro 1, há um acréscimo de formas na 1ª pessoa do plural (*a gente*) e na 2ª pessoa do singular (*você*) e uma substituição da 2ª pessoa do plural (de *vós* para *vocês*). Tais alterações no paradigma pronominal tradicional são decorrentes da emergência e regularização das variantes inovadoras, as quais vêm ganhando espaço entre falantes de todos os níveis de escolarização e, principalmente, das faixas etárias mais jovens, fazendo com que percebamos os processos de mudanças linguísticas.

Além desses processos de mudanças, estudos evidenciam que a forma inovadora *a gente* já é gramaticalizada no português brasileiro, dado que o substantivo *gente* acompanhado do artigo *a*, em certos contextos discursivos, assumiu determinadas propriedades, valores e funções de pronome (cf. LOPES, 2004; BORGES, 2004; ZILLES, 2007; dentre outros). E será a partir dessa variação de referência à primeira pessoa do plural, *nós/a gente*, que centraremos a atenção deste estudo.

O contexto de variação de *nós/a gente* tem recebido a atenção de estudos de cunho sociolinguístico no Brasil, (cf. LOPES, 1998; TAMANINE, 2002; BORGES, 2004; LOPES, 2004; ZILLES, 2007; COSTA, 2010; SILVA, 2010; FRANCESCHINI, 2011; CAMPOS, 2012; SEARA, 2000; entre outros), que, apoiados na teoria da variação e mudança (LABOV, 2008 [1972]), investigaram os fatores sociais e linguísticos que contribuem para tal variação, como podemos verificar nos dados de fala do Exemplo 1 abaixo.

- (1) F1: *você não foi lá em casa essa semana?*
 F2: *e pra quê? pra ficar...*
 F1: *pra comer as galinhas...*
 F2: *matou uma foi doido?*
 F1: *hã?*
 F2: *matou (as duas) foi?*
 F1: *matou dois capão... um morreu só né... aí **a gente** pegou e Ø comeu...*
 F2: *ah doido eu não comia não... você quer me dar a galinha já velha morta doente...*
 ((RISOS)) *Deus me livre... sai daí... vá com suas carniças pra lá*
 F1: *tá vendo... aí... elas já não vão mais... ((RISOS))*
 F2: *é mesmo... depois de uma dessa... depois bota um bode velho doente pra **nós** comer... Ø não chega nem na esquina... Ø cai teso... (D.S._{cdt} D.M._{sdt} P M_M 01)¹.*

No Exemplo (1), verificamos a realização das formas pronominais de referência à 1ª pessoa do plural *nós* e *a gente*, tanto explícitas, quanto implícitas, embora utilizadas pelos interlocutores com distintas cargas semânticas de referentes. O informante F1 utilizou a variante inovadora para se referir a *ele + eles*, ou seja, ele e os familiares dele, que juntos comeram dois capões, enquanto o informante F2 utilizou a variante *nós* com referência menos genérica, dirigindo-se apenas aos que estavam presentes no momento da gravação da interação.

Sentindo a necessidade de análise da variação *nós/a gente* como referência à primeira pessoa do plural sob o viés pragmático, que consiga dialogar com um modelo de polidez, é que nos propomos a observar na comunidade de falantes da Universidade Federal de Sergipe/UFS, Campus Prof. Alberto Carvalho, como a polidez se faz presente em contextos sociais que influenciam os usos das variantes. Uma vez que *nós* e *a gente* não são marcas de polidez, defendemos a hipótese de que essas formas emergem de contextos mais ou menos polidos.

Dessa forma, este estudo objetiva verificar a relação entre variação *nós/a gente* e polidez linguística. Além disso, nos propomos também a realizar um estudo comparativo em dois tipos de amostra, a fim de verificar os efeitos pragmáticos do tipo de coleta. E para isso, recorreremos ao aporte teórico metodológico do modelo de polidez proposto por Brown e Levinson (2011 [1987]), que além de tratar a polidez como uma estratégia linguística utilizada com o objetivo de preservar a face do falante e a face do ouvinte, no intuito de estabelecer uma comunicação sem atritos, é operacionalizável no modelo sociolinguístico variacionista.

¹ Exemplo retirado da interação 1 do banco de dados *Rede Social de Informantes Universitários*. O código entre parênteses representa as identificações sociais dos informantes da interação, sendo que os dois caracteres em caixa alta representam o código do informante; os três caracteres subscritos identificam se o informante está com o domínio do tópico (cdt) ou sem o domínio do tópico (sdt); os caracteres P e D indicam o grau de proximidade (próximo ou distante); e os caracteres M e F representam o sexo do informante (masculino ou feminino).

Como se trata de um estudo que tem como um dos objetivos verificar os efeitos pragmáticos entre distintos métodos de coletas de fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, situado no município de Itabaiana/SE, o *corpus* utilizado para a pesquisa é constituído por dados de duas amostras: *Falantes Cultos de Itabaiana/SE e Rede Social de Informantes Universitários*.

A amostra *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012) é constituída por 20 entrevistas sociolinguísticas com falantes universitários, 10 homens e 10 mulheres, e segue a metodologia de coleta da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Como essa amostra não oferece suporte para uma análise voltada a diferentes tipos de relações interpessoais, ou seja, relações em que os informantes exerçam distintos papéis sociais durante as gravações, sentimos a necessidade de constituir uma amostra que fosse capaz de captar essas nuances de polidez, na comunidade em estudo, uma vez que os informantes iriam participar de oito situações distintas.

A amostra constituída para suprir tais necessidades é a amostra *Rede Social de Informantes Universitários*, que foi delineada com o propósito de subsidiar a análise de como a variação de *nós/a gente* se dá em contextos de maior e menor valor de polidez, a partir do ponto de vista pragmático proposto por Brown e Levinson (2011 [1987]).

Seguindo as diretrizes do banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013), a amostra *Rede Social de Informantes Universitários* foi constituída por mim e por Andréia Araújo, a qual está desenvolvendo um estudo sobre os efeitos da polidez no uso do futuro do pretérito em português. Formada a partir de dados de fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, as 32 gravações que resultaram das interações entre 4 homens e 4 mulheres, com duração média de 40 minutos cada, foram controladas através do grau de distância social (próximo ou distante), das relações de poder (quem tinha o comando do tópico no momento da gravação), do custo de imposição (o custo de falar sobre o que estava sendo pedido) e do sexo/gênero dos interlocutores (masculino ou feminino).

Quanto à distância social entre os interlocutores, um contexto é mais polido quando o grau de relacionamento é baixo e, conseqüentemente, quando houver um grau de relacionamento alto, o contexto será menos polido.

Em relação ao poder entre os falantes, este será analisado a partir do poder de introdução do tópico, pois o introdutor do tópico é quem decide o direcionamento da conversa, além de poder interferir a qualquer momento. Dessa forma, neste estudo foi adotado como contexto de maior polidez aquele em que o introdutor do tópico se encontra, enquanto o

de menor polidez é aquele em que está quem respondeu às questões que lhe foram impostas, mesmo sabendo da possibilidade de o ambiente do interlocutor ser mais polido, já que as pessoas que estão em posição abaixo podem ser mais polidas.

Quanto ao grau de imposição, quanto mais alta for a imposição, maiores as possibilidades dos interlocutores serem mais cautelosos para falar, fazendo com que os contextos sejam mais polidos, e quanto mais baixo for o grau de imposição, menos polido tende a ser o contexto.

Além desses fatores, o sexo/gênero também pode dar pistas de quais contextos favorecem o uso de uma ou outra forma. Sabemos que interações entre pares (H/H, M/M)² são mais confortáveis do que as interações entre pessoas de sexo oposto (H/M, M/H), então, interações mais confortáveis propiciam contextos menos polidos, enquanto as relações de sexo oposto tendem a desenvolver contextos mais polidos (cf. FREITAG, 2012).

A fim de explorar tais pontos, esta pesquisa está organizada em quatro capítulos: o capítulo 1 discorre sobre o modelo de polidez adotado neste estudo; o capítulo 2 trata da variação *nós/a gente* e a polidez, apresentando um olhar pragmático sobre estudos já realizados no português brasileiro; o capítulo 3 faz uma abordagem sobre a metodologia utilizada para a constituição do *corpus* da pesquisa; e por fim, o capítulo 4 traz a análise e discussão dos resultados.

² A sigla H representa *homem*, e a sigla M representa *mulher*.

1 ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

Inicialmente, a polidez era entendida apenas como um conjunto de regras de cortesia, delicadeza e atitude gentil utilizado em uma sociedade, podendo esse conjunto de regras variar a depender da cultura, já que, muitas vezes, o que é polido em uma sociedade não é polido em outra, devido à mudança de costumes e valores. Na década de 1970, seu significado ultrapassa o senso comum e passa também a designar um termo técnico utilizado nos estudos pragmáticos e sociolinguísticos, na medida em que Paul Grice traça, em seu texto *The logic of conversation* (1982 [1975]), quatro máximas conversacionais para que os falantes tenham uma comunicação eficaz, gentil e sem atritos.

A primeira máxima é a de quantidade. Esta se relaciona à quantidade de informações necessária em uma comunicação verbal. O falante deve dizer somente o necessário para a compreensão, logo, não deve ofertar mais informações do que é requerido.

A segunda máxima, a de qualidade, se relaciona à veracidade do que está sendo dito, não sendo adequada a utilização de informações que o falante acredita que seja falsa ou que não possa fornecer evidências suficientes da sua veracidade. Logo, ser sincero é o que defende essa máxima.

A terceira máxima, a de relevância, se relaciona à pertinência da informação em relação ao tema do que está sendo dito, já que conteúdos inadequados podem comprometer o entendimento da mensagem. Dessa forma, ser relevante é o ideal em uma comunicação.

A última máxima, a de modo, se relaciona à forma de como o conteúdo da informação é transmitido. Para essa máxima, deve-se evitar a obscuridade da expressão, evitar utilizar termos ambíguos, ser breve e ser ordenado. Logo, para essa máxima, ser claro é o objetivo.

Dessa forma, o Princípio de Cooperação de Grice (1982 [1975]) foi a mola propulsora para que, no campo da pragmática, área que estuda como os falantes fazem uso da língua e os efeitos desses usos sobre os interlocutores, os estudos sobre polidez fossem desenvolvidos, uma vez que ao desobedecer as máximas conversacionais em um processo comunicativo, ou seja, falar mais do que o necessário, não ser sincero, não ser relevante e/ou não ser claro, os falantes teriam de utilizar outras estratégias linguísticas – as de polidez – para reparar o dano causado.

É devido a essa preocupação de entender como os falantes utilizam a língua e o porquê de empregarem determinadas estratégias linguísticas, que a pragmática oferece o suporte necessário para o estudo da polidez. Nesse campo de estudo, a língua é estudada de fora para

dentro, ou seja, a pragmática estuda os fatores externos que influenciam na escolha das estratégias para a construção do discurso. Logo, a polidez passa a ser entendida também como:

fruto da necessidade que o homem tem de manter o equilíbrio em suas relações interpessoais, tendo como manifestação um conjunto de estratégias linguísticas de que lança mão o falante a fim de evitar ou reduzir ao mínimo o conflito com seu interlocutor, quando os interesses de ambos não são coincidentes (ESCANDELL-VIDAL, 1995 apud SANTOS 2012, p. 44).

Nos últimos 40 anos, vários modelos teóricos de polidez foram propostos. Três deles constituem os mais tradicionais: o de Robin Lakoff (1973), o de Geoffrey Leech (1983) e o de Penelope Brown e Stephen Levinson (1987 [1978]). Esses modelos de polidez, além de terem contribuído para a inserção dos estudos de polidez no campo pragmático, servem de ponto de partida para os modelos mais recentes, principalmente o de Brown e Levinson³, o qual foi revisado e ampliado por Kerbrat-Orecchioni (2006).

O primeiro modelo de polidez é o de Lakoff (1973), que, baseado nas máximas de Grice (1982), propõe duas regras de competência pragmática: seja claro e seja cortês. Esta última, por sua vez, remete às três máximas de polidez desse modelo: não se imponha, dê opções e seja amigável.

Também influenciado pelas máximas de Grice (1982), Leech (1983) propõe seis máximas com o objetivo de regular o equilíbrio social: a de tato, a de generosidade, a de aprovação, a de modéstia, a de acordo e a de simpatia.

Embora não seja isento de críticas, o modelo de Brown e Levinson (2011 [1987]) é, sem dúvida, o mais elaborado, conhecido e utilizado nos estudos sobre polidez, realizados em diversos países, e o mais alinhado, segundo Meyerhoff (2006), aos propósitos de controle e operacionalização da Sociolinguística, motivo pelo qual o adotamos neste estudo.

Os autores partem da ideia de polidez como uma estratégia racional que está associada ao conceito de face, e que recebe influência de variáveis contextuais. Dessa forma, demos ênfase e utilizamos esse modelo neste estudo, uma vez que, através do modelo brown-levinsoniano é possível realizar a sistematização de estratégias de polidez linguística nos contextos discursivos em estudos de cunho quantitativo.

Brown e Levinson (2011 [1987]) veem a polidez como uma atividade estratégica racional e defendem que as diferentes formas de polidez atendem às diferentes necessidades sociocomunicativas. Mesmo admitindo que o que é “polido” varia de cultura para cultura, já

que em uma cultura um termo pode ser polido, e em outra ele pode ser visto como uma ofensa, os autores partem da universalidade da polidez, por acreditarem que, independente da cultura, os interlocutores sabem que têm uma imagem a preservar nas interações.

Dessa forma, Brown e Levinson (2011 [1987]) inspiram-se na noção metafórica de face da teoria de Goffman (1967) e baseiam-se em uma pessoa modelo, a qual fala fluentemente uma língua natural e possui duas propriedades importantes, racionalidade e face, para esclarecer o uso da linguagem. Além disso, distinguem dois tipos de polidez: a que envolve estratégias de face positiva, e a que envolve estratégias de face negativa, conceito central desse modelo.

A face que apresenta o lado negativo está relacionada à nossa intimidade e ao desejo de não imposição, já a que apresenta o lado positivo se relaciona à imagem que queremos passar socialmente, a que queremos apresentar aos outros, com o intuito de ter o reconhecimento ou aprovação. A face é entendida como atributo pessoal ou qualidade que cada um tenta proteger ou melhorar, é a autoimagem que cada um constrói socialmente de si, podendo ela ser perdida, mantida ou melhorada (BROWN; LEVINSON, 2011 [1987]). E já que as interações são lugares propícios para os conflitos, queremos proteger nossa face contra possíveis danos quando interagimos com os outros.

Esses danos às faces podem ser causados pelos atos que ameaçam as faces tanto do falante, quanto do ouvinte, no momento das interações, denominados por Brown e Levinson (2011[1987], p. 60) como *face-threatening acts (FTAs)*. Estes atos ameaçadores da face são divididos em 4 tipos:

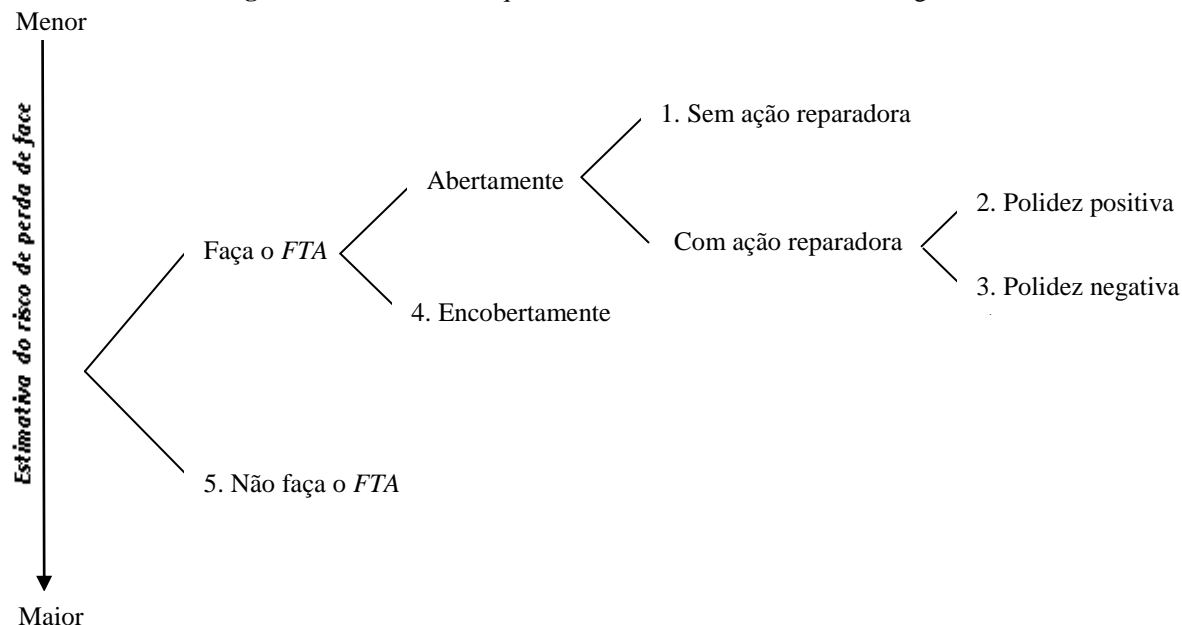
- Atos ameaçadores da face negativa do emissor: promessas ou qualquer coisa que possa atingir nossa intimidade;
- Atos ameaçadores da face positiva do emissor: pedidos de desculpas, autocríticas, confissões;
- Atos ameaçadores da face negativa do destinatário: ofensas, pedidos, perguntas indiscretas;
- Atos ameaçadores da face positiva do destinatário: críticas, insultos, censuras.

Dessa forma, as faces, positiva e negativa, são alvos de ameaças e objetos de desejo de preservação, que terão de ser conservadas a fim de manterem o equilíbrio nas relações interpessoais. Para preservar a face e manter a relação sem atritos, o falante faz uso de um

³ No escopo do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS, a partir deste modelo, por exemplo, é que Santos (2012) analisa o discurso de professores sobre a inclusão da pessoa com deficiência na escola.

conjunto de estratégias linguísticas, que chamamos de estratégias de polidez, que são utilizadas a depender das circunstâncias de execução de um FTA, como segue na Figura 1:

Figura 1: Circunstâncias que determinam as escolhas das estratégias.



Fonte: Brown e Levinson (2011 [1987], p. 60, tradução nossa).

Através deste esquema, Brown e Levinson (2011 [1987]) propõem que o falante irá escolher se vai realizar ou não o FTA; uma vez que ele opte pela realização, poderá assumir uma posição encoberta, que o distanciará dos efeitos do FTA, ou uma posição aberta que poderá ser realizada com ação reparadora ou sem ação reparadora. A partir do momento em que o falante opta por realizar um FTA abertamente com ação reparadora, ele decidirá se irá utilizar estratégias de polidez positiva ou negativa. Dessa forma, as estratégias de polidez são divididas em estratégias positivas, negativas e encobertas.

As estratégias de polidez positiva são direcionadas com intuito de reparar a face positiva do destinatário ou expressar interesse pelo outro, que ao contrário da polidez negativa, nem sempre será corretora de face violada por um FTA. Segundo Brown e Levinson (2011[1987]), as realizações linguísticas de polidez positiva, em muitos casos, podem representar desejos e conhecimentos compartilhados. Abaixo, no Exemplo 2, podemos ver uma das formas de ocorrência desse tipo de polidez:

(2) F2: No trabalho de Cristiane... que **a gente** fez sobre aquele negócio do trecho do rio... que **a gente** foi é que era pra analisar o trecho do rio... (A.G._{cdt} D.S._{sdt} P F_M 05).

No Exemplo 2, o falante utiliza o pronome *a gente* como uma estratégia de marcador de identidade grupal, uma vez que divide o mesmo terreno com o ouvinte, ou seja, ambos participam do grupo de pessoas da disciplina ministrada pela professora Cristiane. Além dessa estratégia de polidez positiva, é possível ainda classifica-lo como tal a partir da estratégia *pressupor e declarar pontos em comum*, deixando evidente que ha interesses compartilhados entre o falante e o ouvinte.

As estratégias de polidez positiva são classificadas pelos autores em 15 tipos:

1. Observar o outro;
2. Exagerar interesses, aprovações e empatia pelo outro;
3. Intensificar o interesse pelo outro;
4. Usar marcadores de identidade grupal;
5. Procurar acordo;
6. Evitar desacordos;
7. Pressupor e declarar pontos em comum;
8. Brincar, fazer piadas;
9. Expressar os conhecimentos sobre os desejos do outro;
10. Oferecer, prometer;
11. Ser otimista;
12. Incluir os interlocutores na atividade;
13. Dar ou pedir razões, ou explicações;
14. Declarar ou explicitar reciprocidade;
15. Dar presentes ao ouvinte (bens, simpatia, cooperação).

Já as estratégias de polidez negativa são utilizadas em ações corretoras da face negativa do destinatário, e geralmente usadas como forma de distanciamento social. A polidez negativa, diferente da polidez positiva, possui a função específica de minimizar os efeitos de um FTA. Abaixo, Exemplo 3, podemos ver um FTA com ação reparadora à face negativa do destinatário.

- (3) *FI: ...questão de confiança de... convívio né... até mesmo... nos dias... que **nós** mulheres estamos no perí- no período pré menstrual é... é a questão assim de até mesmo conviver com uma pessoa em casa a questão que às vezes **a gente** tá sem paciência... irritado... como é essa questão assim... sua experiência quando você está nesse período a questão de você conviver com uma pessoa assim (e tá)... nesse momento assim... (A.G._{cdt} D.C._{sd} P F_F 06).*

No Exemplo 3 acima, percebemos que a introdutora do tópico tem toda a preocupação de contextualizar e utilizar recursos para pedir que sua interlocutora fale de um assunto íntimo, seu comportamento em período de TPM. Para isso, a estratégia de polidez negativa *minimizar a imposição* é utilizada, na medida em que há a utilização da primeira pessoa do

plural, mostrando que é um fato comum a ambas, deixando-a mais à vontade para responder o que lhe foi solicitado.

Bronw e Levinson (2011 [1987]) definem dez estratégias para esse tipo de polidez:

1. Ser convencionalmente indireto;
2. Questionar, atenuar;
3. Ser pessimista;
4. Minimizar a imposição;
5. Mostrar deferência;
6. Pedir desculpas;
7. Impessoalizar o falante e o ouvinte;
8. Declarar o FTA como uma regra geral;
9. Nominalizar;
10. Mostrar abertamente que está assumindo um débito com o interlocutor.

E as estratégias de polidez encobertas são aquelas que permitem que o falante produza um FTA sem se responsabilizar por ele, deixando a interpretação do seu registro de fala a critério do ouvinte. Nesses casos, o falante diz menos do que o necessário ou até mesmo algo diferente do que ele quer dizer. No Exemplo 4 abaixo, podemos ver a presença de estratégia encoberta.

(4) *F1: ...principalmente quando vê aquelas cenas de um... de um aluno é de uma criança querendo ba- bater outra alguma ou... tirar brincadeira sem graça... né se você caso presenciasse uma cena dessa qual é qual seria sua reação?*

F2: a minha reação? eu ia tentar ajudar né? assim a separar eles dois de brigar da briga e... tentar conversar com eles dois...

F1: você acha que a só a conversa resolve?

*F2: não... ia ter que ter mais outros métodos né? mais aí só no caso na hora **a gente** ia saber né? (D.S._{cdt} J.S._{sdt} D M_F 04).*

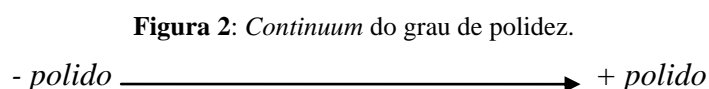
Percebemos no Exemplo 4 acima que o falante F2 utilizou-se da estratégia *ser generalizador*, deixando em aberto a interpretação do seu ato de fala, uma vez que ele não quis se responsabilizar pelo ato de não saber o que faria para resolver o problema. Então ao invés de utilizar a primeira pessoa do singular, como vinha utilizando, adotou a primeira pessoa do plural, fato esse que pode ser explicado por não ser apenas ele que não saberia o que fazer. Então não se sabe se assim como ele, F2, outros professores também não saberiam o que fazer, ou se seria ele juntamente com a direção que fariam algo, ou ainda outras possibilidades de interpretação.

A utilização dessa estratégia de polidez negativa, ainda vem acompanhada da estratégia *fazer perguntas retóricas*, ao passo que faz uma pergunta sem a intenção de obter respostas, desobedecendo a máxima de qualidade.

Brown e Levinson (2011 [1987]) classificam as estratégias de polidez negativa em 15 tipos:

1. Dar dicas;
2. Dar pistas de associação;
3. Pressupor;
4. Subestimar;
5. Exagerar;
6. Usar tautologias;
7. Usar contradições;
8. Ser irônico;
9. Usar metáforas;
10. Fazer perguntas retóricas;
11. Ser ambíguo;
12. Ser vago;
13. Ser generalizador;
14. Deslocar o ouvinte;
15. Ser incompleto, utilizar elipse.

Tais estratégias de polidez, positivas, negativas e encobertas, podem nos levar a um *continuum* que vai do menos polido ao mais polido, conforme a Figura 2, em que serão utilizadas estratégias menos polidas e mais diretas quando a ameaça à face for baixa, e necessitará de estratégias mais polidas e mais indiretas quando a ameaça à face for alta.



Os autores defendem que três fatores contextuais são importantes para entender como as pessoas escolhem as estratégias de polidez que vão utilizar. São eles: o poder que existe entre o falante e o destinatário, o falante tende a ser mais polido quando precisa pedir algo; a distância social entre o falante e o destinatário, as pessoas tendem a ser mais educadas e menos diretas com pessoas estranhas, e menos gentis e mais diretas com pessoas com quem possuem proximidade; e o custo da imposição, que é representado pelo peso social que tem o pedido que o falante faz.

Mas essas escolhas não são aleatórias. Segundo Brown e Levinson (2011 [1987]), o falante faz uma avaliação da quantidade de trabalho de face necessário nos atos, levando em consideração as três estratégias de polidez, chegando à fórmula da Figura 3.

Figura 3: Fórmula para avaliar a quantidade de trabalho de face requerida de um FTA.

$$W_x = D(S, H) + P(H, S) + R_x$$

W = quantidade de trabalho de face x = FTA D = distância social S = falante H = ouvinte P = poder relativo R = grau de imposição
--

Fonte: Bronw e Levinson (2011 [1987], p. 76, *tradução nossa*).

A distância social (*D*) é um fator significativo no contexto de polidez, uma vez que a relação existente entre os interlocutores influenciará na escolha linguística e na qualidade da interação. A partir do reflexo da orientação educacional, podemos ter uma possibilidade de entendimento para esta atitude, pois crescemos ouvindo que não se deve falar com estranhos. Esse comportamento social contribui para a tendência de o falante ser mais polido com quem tem menos familiaridade.

O poder relativo (*P*) está associado aos diferentes papéis sociais que os falantes ocupam no momento da interação linguística. Dessa forma, podemos inferir que este poder é dedicado a quem tem o domínio do turno naquele momento e que, conseqüentemente, ao solicitar que seu interlocutor fale sobre algo, há uma tendência de o locutor querer passar o melhor de si por estar em uma posição de destaque.

O grau de imposição (*R*) se relaciona ao custo que o ouvinte terá em realizar o ato solicitado. O valor desse custo está relacionado à cultura em que os falantes estiverem inseridos e terá maior peso quando atingir a face negativa do ouvinte.

Em virtude de tais abordagens que tentam compreender quais fatores, além do linguístico e do social, influenciam nas escolhas das estratégias linguísticas dos falantes, é que sentimos a necessidade de verificar como os estudos que concernem à variação de *nós/a gente* no português brasileiro tratam a questão da polidez.

2 VARIAÇÃO NÓS/A GENTE E POLIDEZ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A inserção da forma *a gente* no paradigma pronominal do português brasileiro tem sido objeto de análise que vai desde a origem do processo de gramaticalização do nome *gente* à sua efetiva implementação no sistema pronominal (cf. BORGES, 2004; LOPES, 2004; ZILLES, 2007; dentre outros). Desde o estudo pioneiro de Omena (1986)⁴, há uma tentativa de identificar quais os fatores que contribuem para a escolha de uma das formas por falantes de todas as regiões do Brasil.

Para isso, os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista vêm abundantemente sendo utilizados, numa tentativa de destacar fatores internos e externos à língua, ou seja, linguísticos e sociais, que condicionam a utilização de *nós* ou *a gente* na função de sujeito, o que vem se mostrando bastante produtivo, mas deixando a desejar no que concerne aos fatores pragmáticos, que também contribuem para tal variação.

Para nossa proposta de trabalho, à luz dos estudos pragmáticos, adotamos o modelo teórico de Brown e Levinson (2011 [1987]) e buscaremos pistas de como as quatro estratégias de polidez – relação de poder entre falantes, distância social, custo de imposição e sexo/gênero – se manifestam indiretamente em resultados de estudos variacionistas que não foram produzidos com o intuito de abarcarem o campo pragmático. Para isso, trataremos de variáveis sociais e linguísticas que auxiliem nesta tarefa.

2.1 SEXO/GÊNERO

A preocupação de relacionar a linguagem ao sexo/gênero vem desde Fischer (1958 apud PAIVA, 2007), quando, em seu estudo, *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, analisa a diferença entre a pronúncia velar ou dental do sufixo inglês *-ing*. Fischer verificou que a pronúncia velar era mais frequente na fala das mulheres, e que a escolha da variante utilizada não era aleatória, ela estava estritamente relacionada ao valor social de prestígio que a forma possuía, constatando assim, em seu estudo, que a variante de prestígio tendia a predominar na fala das mulheres.

⁴ Nesse trabalho, intitulado *A referência variável da 1ª pessoa do discurso no plural*, Omena utiliza um *corpus* composto por 64 entrevistas da amostra do banco de dados do projeto CENSO, coletadas no início da década de 1980. A partir da fala de informantes cariocas não cultos, a pesquisadora tenta identificar os fatores linguísticos e sociais que atuam na frequência das variantes na fala dos entrevistados.

As investigações neste campo continuaram e pesquisadores puderam corroborar com Fischer, à medida que os resultados dos estudos também apontavam para a maior sensibilidade das mulheres pelas formas prestigiadas, e as conclusões a que chegavam eram as mesmas, “as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio” (LABOV, 2008 [1972], p. 281).

Uma das explicações para o conservadorismo do uso linguístico da mulher, para Coulthard (1991, p. 22), é que “sua tendência era de ficar em casa e cuidar dos filhos”. Por muito tempo o poder e o *status* social ficaram restritos aos homens, e a estes, as mulheres deviam respeito e obediência, o que fazia com que elas fossem mais educadas e polidas que os homens. A forma com que os pais criam os filhos, meninos e meninas, também contribui para que haja uma maior polidez na fala das mulheres, como afirma Coulthard (1991, p. 61 - 62):

pais/mães já se comunicam com as crianças de uma maneira diferente a partir dos 4 anos de idade: pais e mães interrompem as meninas mais do que os meninos, mas parece que os pais o fazem mais assiduamente. Desta forma, as crianças desde muito cedo recebem um modelo de direitos linguísticos diferenciais em relação ao sexo.

Diante dessa breve abordagem, é possível verificar que a relação entre homem, mulher e polidez linguística está relacionada ao papel que cada um desempenha na interação verbal e à sua própria formação social. O que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade, quais valores são atribuídos a cada um, e qual a imagem simbólica de poder e *status* que cada um transmite socialmente podem explicar a variação linguística entre os sexos/gêneros. Como dizem Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 97), “nunca nos deparamos com a linguagem sem que esteja acompanhada de outros sistemas de símbolos”.

No que se refere à influência da variável sexo/gênero na alternância das formas *nós* e *a gente*, podemos observar, através da frequência das formas, se mulheres e homens estão tendo o mesmo comportamento linguístico. Vejamos os resultados da Tabela 1.

Tabela 1: Resultados do uso de *a gente* e a variável sexo/gênero.

	Feminino		Masculino	
	Aplic./total	Percentual	Aplic./total	Percentual
Rio de Janeiro (2004)	204/381	54	239/483	49
Pelotas (2004)	713/911	78	504/649	78
Jaguarão (2004)	583/837	70	289/426	68
Vitória (2012)	838/1045	80	398/700	57
Florianópolis (2012)	333/415	80	192/318	60

Fonte: Organizada a partir dos resultados de Silva (2004), Borges (2004), Mendonça (2012) e Seara (2012).

Como podemos observar, apesar de o percentual de uso de *a gente* pelas mulheres ser maior, os homens também estão fazendo uso significativo dessa forma, com a maior diferença de percentual de 23% e 20% entre os falantes de Vitória e Florianópolis, respectivamente.

Os estudos apontam que as mulheres desempenham um importante papel na liderança da mudança linguística, mas não levam em consideração o controle da relação do sexo/gênero entre entrevistador/entrevistado. Geralmente, as pesquisas são gravadas por mulheres, e talvez a relação entre M/M deixe as informantes mais confortáveis que a relação M/H, favorecendo uma das variantes (cf. FREITAG, 2012).

Dessa forma, é necessário investimento em metodologias de coleta de dados que levem em consideração fatores pragmáticos que não existem nos métodos tradicionais de entrevistas sociolinguísticas e novos estudos que abarquem essa área, a fim de verificar se a forma inovadora terá a mesma frequência de produtividade entre pessoas do mesmo sexo e de sexos distintos.

2.2 MULTIRREFERENCIALIDADE

A especificidade do sujeito é uma variável linguística cujo controle pode dar pistas de efeitos de polidez. O grau máximo e mínimo de inclusão do sujeito é um fator significativo na tentativa de compreensão da variação entre as formas pronominais de referência à 1ª pessoa do plural. Observemos os resultados da Tabela 2.

Tabela 2: Resultados do uso de *a gente* e a multirreferencialidade do sujeito.

	REFERENTE [+ ESPECÍFICO]		REFERENTE [- ESPECÍFICO]	
	Aplic./total	Percentual	Aplic./total	Percentual
Jaguarão (2004)	465/718	65	407/545	75
Pelotas (2004)	947/1269	75	270/291	93
Concórdia (2009)	339/708	48	43/46	93
Teresina (2010)	190/246	77	277/300	92
Rio de Janeiro (2010)	53/70	76	55/103	53
Florianópolis (2012)	385/553	70	140/180	78

Fonte: Organizada a partir dos resultados de Borges (2004), Franceschini (2009), Costa (2010), Silva (2010) e Seara (2012).

Os resultados apontam que a forma pronominal *a gente* é aplicável em maiores proporções para fazer referências semânticas menos específicas, ou seja, em referentes com maior impessoalidade, como pode ser visto nos resultados das amostras de Jaguarão, Pelotas,

Concórdia, Teresina e Florianópolis. Houve o favorecimento da forma *a gente* para referentes [+ *específico*] apenas na amostra do Rio de Janeiro.

Seguindo nesta perspectiva da multirreferencialidade, Campos (2012) analisa a variação e o processo de gramaticalização dos pronomes *nós* e *a gente* no gênero entrevista da mídia televisiva, na cidade de Belém, atentando para o traço de inclusão e exclusão do ouvinte na interação dialógica. Metodologicamente, o *corpus* foi constituído por duas entrevistas do Programa Sem Censura Pará, de 26/03/2008, com cerca de 20 minutos cada, e para a contagem das frequências foi utilizado o método proposto por Bybee (2003) de frequência *type* e *token* em gramaticalização de itens lexicais.

A conclusão a que o autor chega é que as formas pronominais *nós* e *a gente* foram utilizadas, na maioria das vezes, com funções pragmáticas distintas: a primeira forma excluindo o ouvinte/telespectador, considerado como a terceira pessoa, ou a não pessoa, e a segunda incluindo-o, como pode ser visto na Tabela 3, a partir das frequências *type* por cada participante da entrevista.

Tabela 3: Distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* em tipos de uso particulares.

	<i>Nós inclusivo</i>	<i>Nós exclusivo</i>	<i>A gente inclusivo</i>	<i>A gente exclusivo</i>
Apresentadora	-	5	13	1
Entrevistado 1	-	47	3	1
Entrevistado 2	-	3	-	8
Debatedor 1	1	-	-	-
Debatedor 2	-	-	2	-
Total	1	55	18	10

Fonte: Campos (2012, p. 8).

Um dado muito relevante desse estudo é quanto à utilização desses pronomes com valor inclusivo: a maior frequência foi na fala da apresentadora, com 13 ocorrências de *a gente* inclusivo. Tal fato nos faz perceber que como ela era a apresentadora e sabia da obrigação de manter contato com seus telespectadores, recorria à utilização dessa forma pronominal como uma estratégia de aproximação.

Campos (2012) verifica que apesar de a forma *a gente* ser considerada pelas gramáticas normativas como uma forma coloquial, ela está maciçamente presente no português culto falado de Belém, e conclui seu estudo com a seguinte consideração:

Torna-se necessário observar as especificidades referentes ao emprego desses pronomes, pois, se por outro lado o uso de *a gente* apresenta, no *corpus* analisado,

traços que o distingue do pronome *nós*, logo não é aquele simplesmente uma variante deste; por outro lado é preciso, então conceber esses traços paramétricos como um tipo de especialização, e não simplesmente a simples substituição de uso coloquial (CAMPOS, 2012, p. 10).

Diante dessa amostra de estudos realizados aqui no Brasil, é possível verificar a presença constante da variante inovadora, e que os fatores que podem contribuir para tal variação vêm sendo explorados e estudados. Numa tentativa de ampliar o escopo da abordagem, buscamos subsídios nos estudos pragmáticos.

Mas será que tanto o *a gente* quanto o *nós* também não estão relacionados com o desejo de se comprometer/descomprometer com o que está sendo dito? Quando uma pessoa fala *a gente* se referindo a um *eu + todos*, será que não há uma fuga de comprometimento do mesmo modo como a utilização de *nós* como referente [- específico]?

2.3 MARCA MORFÊMICA

A marca morfêmica do verbo que acompanha as formas pronominais *nós* ou *a gente*, fator que vem sendo discutido por Vianna (2006), também pode indicar efeitos de polidez no uso de *nós* e *a gente*, uma vez que a concordância verbal é prestigiada socialmente, e o falante, muitas vezes, utiliza a concordância adequada a fim de transmitir uma boa imagem de si. A Tabela 4 traz alguns resultados para essa variável.

Tabela 4: Resultados do uso de *a gente* e a variável marca morfêmica.

	P3		P4		P6	
	Aplic./total	%	Aplic./total	%	Aplic./total	%
Vianna (2006)	36/43	84	5/43	11	2/43	5
Década 1980						
Vianna (2006)	38/42	91	3/42	7	1/42	2
Década 2000						

Fonte: Organizada a partir dos resultados de Vianna (2006).

Os resultados mostram que a variante *a gente* veio acompanhada de verbo com desinência –Ø, 3ª pessoa do singular, em 84% dos casos na década de 1980 e 91% na década de 2000. Mas é válido lembrar que em entrevistas nos preocupamos mais em utilizar formas mais elaboradas, e que conseqüentemente tentaremos usar as formas de prestígio. Talvez haja a necessidade de coleta dos dados através de métodos que deixem os falantes mais espontâneos para que possamos verificar como realmente está sendo realizada a concordância verbal com as formas de referência à 1ª pessoa do plural.

Dessa forma, para estudar a variação das formas pronominais *nós* e *a gente*, no português brasileiro, torna-se indispensável analisar a influência dessas e de outras variáveis linguísticas, sociais e pragmáticas. Por isso, a partir de uma comunidade de prática, em que todos transmitem a mesma imagem de estudante, a comunidade de prática de universitários do Campus Alberto Carvalho, verificaremos como a polidez influencia na utilização das formas pronominais *nós* e *a gente*, a partir da metodologia proposta no próximo capítulo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, pretendemos verificar com qual frequência a comunidade de prática de alunos do campus universitário Prof. Alberto Carvalho/UFS utiliza as formas de referência à primeira pessoa do plural em diferentes contextos discursivos. A variável dependente desse nosso estudo é a alusão à primeira pessoa do plural, e como variantes, temos a realização da forma *nós* (podendo aparecer explícita ou implícita na oração) e da forma *a gente* (também sob a forma explícita ou implícita).

Nossas hipóteses para esta pesquisa são: 1) a utilização da forma *a gente* será superior à variante canônica, concordando com os resultados de outras pesquisas; 2) a variante inovadora será utilizada com maior frequência em contextos interacionais entre pessoas com alto grau de proximidade, quando o falante não possuir o domínio da introdução do tópico, quando o custo de imposição estiver mais próximo da neutralidade, e quando a comunicação for entre pares (H/H, M/M), ou seja, em contextos menos polidos; por acreditarmos que a forma *a gente* é menos formal.

Seguindo o método quantitativo, proposto por Labov (2008 [1972]), os dados serão quantificados para que se possa verificar quais contextos favorecem a utilização de *a gente*, na posição sintática de sujeito, como referência à primeira pessoa do plural. E para isso, recorreremos ao pacote de programas VARBRUL, versão GoldVarb X.

3.1 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA

Para estudar o fenômeno da variação de *nós/a gente* em contextos de polidez, sentimos a necessidade de criar um banco de dados que proporcionasse condições de verificar a interferência dos três fatores (distância social, poder entre os interlocutores e custo de imposição) que Brown e Levinson (2011 [1987]) acreditam que são indispensáveis para compreender como as pessoas escolhem as estratégias de polidez, em diferentes relações interpessoais.

A amostra *Rede Social de Informantes Universitários*, na comunidade de prática de alunos do Campus Prof. Alberto Carvalho/UFS, segue as diretrizes do banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013) e foi constituída por mim e por Andréia Araújo, que está desenvolvendo um estudo sobre os efeitos da polidez no uso do futuro do pretérito em português, a fim de conseguirmos os dados necessários para o desenvolvimento das nossas

pesquisas, e que também servirá para outros pesquisadores, uma vez que a amostra será disponibilizada para toda a comunidade acadêmica, no âmbito do banco de dados *Falares Sergipanos*⁵.

Além da amostra *Rede Social de Informantes Universitários*, constituída por 32 interações realizadas entre 8 informantes da comunidade de prática de alunos do Campus Prof. Alberto Carvalho/UFS, utilizaremos também a amostra *Falantes Cultos de Itabaiana/SE*, constituída de 20 entrevistas sociolinguísticas, também vinculada ao banco de dados *Falares Sergipanos*.

Como as amostras utilizadas nesta pesquisa foram constituídas na comunidade de prática de universitários da UFS, campus Prof. Alberto Carvalho, passemos à sua descrição.

Esse campus universitário recebe, principalmente, estudantes do município em que ele está instalado, Itabaiana, e das regiões vizinhas. O município de Itabaiana, de clima semiárido, localiza-se na região central do Estado de Sergipe, ocupando uma área de 336,693 Km². Segundo dados do censo 2010 do IBGE, o município possui uma população estimada em 86.967 habitantes, sendo 42.496 homens e 44.471 mulheres.

Tem a agricultura como base econômica, se destacando na produção de mandioca, tomate, batata-inglesa e cebola. Mas nas últimas décadas o comércio vem ganhando importância, chegando a ser um dos mais desenvolvidos do interior sergipano, tendo destaque no comércio de ouro.

A Figura 4 aponta a localização territorial do município, no mapa do Brasil.

Figura 4: Localização de Itabaiana/SE.



Fonte: Wikipédia.

⁵ Atendendo às diretrizes norteadoras de pesquisa envolvendo humanos, normatizada e regulamentada no Brasil pela Resolução 196/96, o projeto *Falares Sergipanos* foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Sergipe, o qual está vinculado ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa – SISNEP, recebendo certificado de atendimento às diretrizes éticas de pesquisa de 0386.0.107.000-11.

E foi devido a essa importância econômica e social que o município foi contemplado com a implantação do campus universitário Prof. Alberto Carvalho, através do Plano de Expansão da UFS, estando situado na Av. Vereador Olímpio Grande, s/n, bairro Sítio Porto.

Inaugurado em 17 de agosto de 2006, o Campus atualmente conta com 10 opções de cursos: Ciências biológicas, Geografia, Matemática, Química, Sistema de informação, Administração, Ciências Contábeis, Física, Letras e Pedagogia; sendo as primeiras cinco opções no período diurno e as outras cinco opções, no período noturno, ofertando, no geral, 500 novas vagas anualmente.

A importância dessa expansão é indiscutível, uma vez que oferece/ofereceu oportunidades a muitos estudantes que não podiam se deslocar para o Campus universitário de São Cristóvão, seja por fatores econômicos ou indisponibilidade de tempo para locomoção.

3.2 BANCOS DE DADOS

O *corpus* em análise é constituído por dois bancos de dados: *Rede Social de Informantes Universitários* (ARAUJO; FREITAG; SANTOS, 2013) e *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012), ambos constituídos pela mesma comunidade de prática, a de alunos do Campus Prof. Alberto Carvalho/UFS, já que segundo Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 102), uma comunidade de prática se constitui a partir de “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento”, ou seja, além da proximidade entre os membros, estes trabalham para um objetivo comum e pelo repertório compartilhado: compartilham as palavras, jargões, pronúncias etc.

O uso das duas amostras distintas permite verificar se a diferença metodológica de coleta de dados dos dois bancos reflete na frequência de utilização das variantes em estudo. Dessa forma, é imprescindível diferenciar a metodologia de coleta das duas amostras.

3.2.1 Rede Social de Informantes Universitários

As redes sociais vêm sendo utilizadas nos estudos variacionistas (cf. BATTISTI, 2008; LARA, 2013) a fim de contribuir para a análise dos processos de variações e mudanças linguísticas. Entendidas por Meyerhoff (2006) como agrupamentos com base na frequência e qualidade da interação dos membros que a constitui, as redes podem ser definidas pelas pessoas que fazem parte dos grupos de convivência de determinado indivíduo (familiares,

amigos, vizinhos, colegas de trabalho, dentre outros) e pela quantidade de grupos que cada um desses membros está inserido. Também é válido frisar que o pesquisador pode identificar uma rede observando quem interage com quem em uma dada comunidade, e como ou porque eles estão interagindo, ou ainda perguntando quem são os melhores amigos ou com quem eles conversaram no dia anterior, para que assim as pessoas definam suas próprias redes.

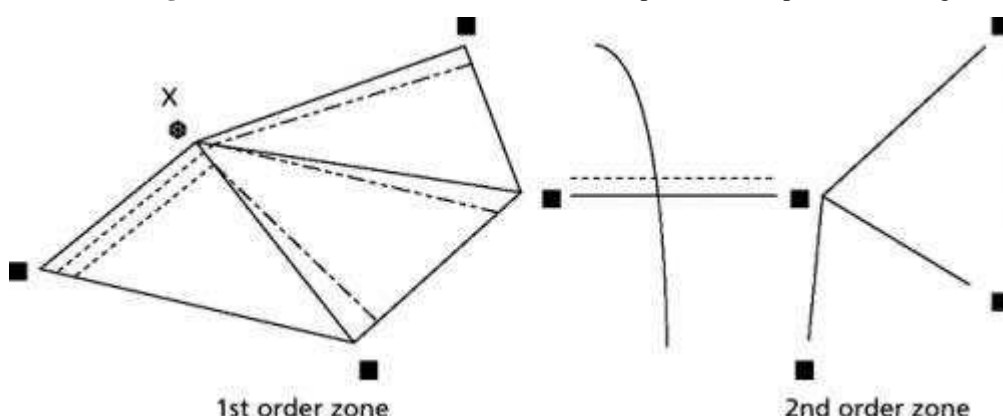
Essa relação de contato com os outros ainda pode ser vista como uma teia infinita de laços que se estende através de toda a sociedade interligando os seus membros (MILROY, 2002). Nesta perspectiva têm-se os laços de primeira ordem, formados por pessoas que diariamente estão interagindo, e laços de segunda ordem, a partir dos quais as pessoas se interligam indiretamente.

Outro aspecto observável nas redes diz respeito à sua densidade e multiplexidade. Quanto à densidade de uma rede, ela pode ser de alta densidade, quando todos os membros se conhecem, e de baixa densidade, quando não há o contato entre todos os membros do grupo. Em relação à multiplexidade, os membros podem possuir laço multiplex, ou seja, duas pessoas se relacionam em mais de um papel social, estão presentes em mais de um grupo, e laço uniplex, quando o laço entre duas pessoas é baseado em apenas um relacionamento.

Segundo Meyerhoff (2006), essas redes de baixa densidade tornam os indivíduos mais abertos à mudança, pois os laços que eles terão com outras redes irão contribuir para que utilizem inovações que adquiriram nesses outros âmbitos. Da mesma forma, Milroy (2002) acredita que as redes constituídas de laços fortes (densa e multiplexa) contribuem para que a variedade linguística da comunidade resista a mudanças linguísticas.

Na Figura 5, temos uma estrutura de uma rede social, na qual é possível verificar os laços de primeira e segunda ordem, a densidade e a multiplexidade, além de poder observar que há pessoas centrais, que são os membros do núcleo, e pessoas menos integradas à rede, as que estão ocupando posições periféricas.

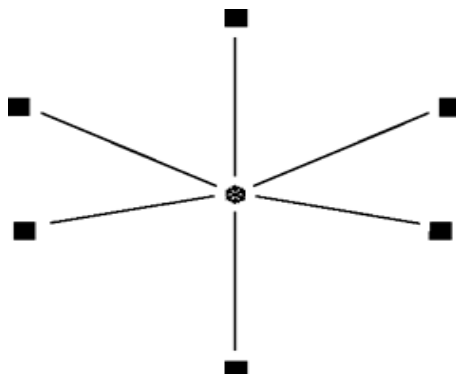
Figura 5: Estrutura de rede social densa, multiplexa, com a primeira e a segunda ordem.



Fonte: Milroy (2002, p. 2).

E a rede social de baixa densidade, uniplexa, pode ser representada conforme a Figura 6.

Figura 6: Rede social pessoal de densidade baixa, uniplexa.



Fonte: Milroy (2002, p. 3).

As pessoas podem participar de grupos diferentes, e os laços fortes e fracos tendem a conectar os indivíduos em rede, ligados em graus diferentes, já que os membros de uma rede podem se conhecer e se relacionar a partir de diversos graus de intimidade.

Nesta perspectiva, a *Rede Social de Informantes Universitários* foi constituída para atender as necessidades de estudar fatores pragmáticos que influenciam na linguagem, tal como o grau de conectividade, e a fim de contribuir também para o estudo e análise da variação linguística da comunidade de universitários em estudo.

Para a constituição da amostra da rede social pessoal, foi necessário selecionar 8 informantes (4 homens e 4 mulheres) da comunidade de prática de universitários da UFS, os quais compuseram dois grupos de amigos. Na formação de cada um desses grupos, tomamos como base o primeiro e o último dos cinco graus de relacionamento em interações adaptadas das propostas de Oushiro (2011 *apud* ARAUJO, 2014):

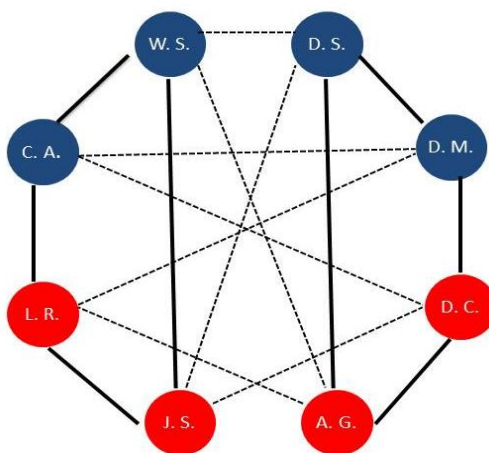
- 1º) Bastante próximo. O interlocutor fazia parte do meu círculo imediato de amigos da universidade e conversávamos com frequência;**
- 2º) Próximo. Conversávamos com frequência, mas o interlocutor não fazia parte do meu círculo imediato de amigos da universidade;
- 3º) Próximo, mas não conversávamos com frequência;
- 4º) Neutro. Ele era meu conhecido, mas não conversávamos com frequência;
- 5º) Distante. Não o conhecia anteriormente e só conversamos no momento da interação.**

Segundo o primeiro grau de relacionamento de Oushiro, os interlocutores pertencem ao mesmo grupo de amigos e mantêm contatos diários. Já no último grau de relacionamento, os interlocutores não se conhecem e só conversaram no momento da interação.

Dessa forma, como um dos critérios para essa seleção era que os 4 membros de cada grupo (2 homens e 2 mulheres) tivessem de ser amigos entre si e desconhecidos dos demais do outro grupo, ou seja, tinha de ter a existência de laços fortes entre os integrantes do grupo, obedecendo o primeiro grau de relacionamento, e estes não terem contato com nenhum dos membros do outro grupo, obedecendo o último grau de relacionamento, várias tentativas de formação de grupo foram frustradas, pois não conseguíamos encontrar 4 amigos dispostos a participarem da pesquisa; muitas vezes encontrávamos 1 ou 2 que se disponibilizavam mas não era o suficiente para a formação de um grupo. Então, os dois grupos que encontramos com a quantidade necessária de integrantes foram os que contribuíram para a constituição do banco de dados.

Depois de confirmada a participação daqueles que se voluntariaram ao projeto, sabendo eles que teriam de interagir com quatro pessoas diferentes, ora o falante tendo e ora não tendo o domínio do tópico, totalizando 8 interações de aproximadamente 40 minutos de duração cada, e que seriam gravadas, as relações/conexões formadas pelos 8 colaboradores podem ser representadas conforme a Figura 7 a seguir, respeitando os laços fortes e fracos (Milroy, 2002).

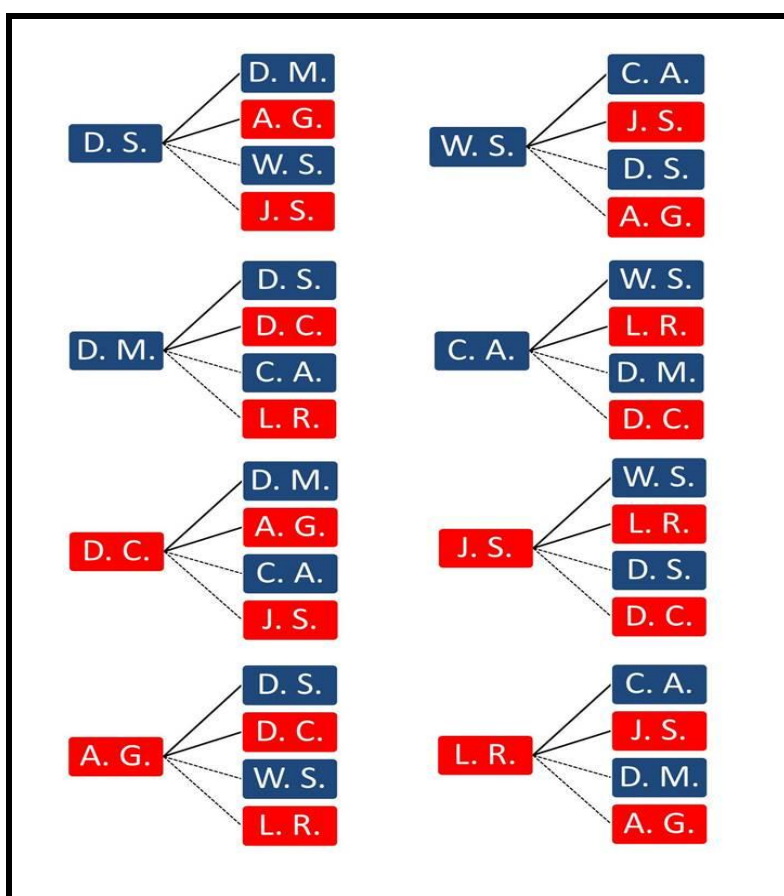
Figura 7: Rede Social dos oito informantes universitários do campus Prof. Alberto Carvalho/UFS.



Através da representação da rede, podemos notar que os informantes do primeiro grupo (D.S., D. M., D. C. e A. G.) estão conectados por um laço forte, representado pela linha contínua, já que estes mantêm contato diário, enquanto que todos eles mantêm laços fracos, representados pelas linhas tracejadas, com os membros do segundo grupo (W. S., C. A., L. R. e J. S.). Da mesma forma, os membros do segundo grupo mantêm laços fortes entre si, e laços fracos com os componentes do primeiro grupo.

É importante notar também, na Figura 7, que os representantes do sexo/gênero masculinos estão representados pela cor azul, e os representantes do sexo/gênero feminino pela cor vermelha. E que, ainda, a cada conexão de dois informantes, tivemos duas interações, pois em um primeiro momento um informante conduziu o tópico na interação, e em um segundo momento quem conduziu o tópico foi o que interagiu, totalizando assim 32 interações conduzidas, como pode ser observado no Quadro 2 abaixo, com a representação dessas interações, que detalha com quem cada informante interagiu, e se estava conectado através de um laço forte ou fraco.

Quadro 2: Representação das interações da rede social pessoal.



Nestas interações não houve entrevistador e nem roteiro de perguntas. Os próprios participantes da comunidade de prática introduziram os tópicos a partir de microssituações disponibilizadas em cartões. Essa proposta de conversa dirigida foi adotada tanto para verificar a relação de poder de fala dos universitários, quando estes tivessem com e sem o domínio da introdução tópica, quanto numa tentativa de minimizar os efeitos do paradoxo do observador. Pois, ainda se tratando de um ambiente controlado, acreditamos que a ausência do

entrevistador extingue o efeito gatilho presente nas entrevistas sociolinguísticas, oferecendo um melhor resultado para os fins do estudo.

Para que chegássemos às microssituações dos cartões, fizemos uma simples e rápida entrevista com alguns universitários, com o intuito de saber quais temas eles conversariam com pessoas conhecidas e desconhecidas. Lançamos o seguinte:

- Liste cinco temas ou mais que você conversaria com alguém na sala de espera de um consultório;
- Liste cinco temas ou mais relacionados a coisas positivas de sua infância;
- Liste cinco temas ou mais relevantes para um universitário se posicionar;
- Liste cinco temas ou mais sobre os quais um universitário não deveria falar por ser universitário;
- Liste cinco temas ou mais sobre os quais você conversaria com um homem desconhecido/uma mulher desconhecida;
- Liste cinco temas ou mais sobre os quais você não conversaria com um homem desconhecido/uma mulher desconhecida;
- Liste cinco temas ou mais sobre os quais você conversaria com uma amiga íntima/amigo íntimo.

A partir dos temas elencados por esses informantes, criamos 50 microssituações (apêndice C) dividindo-as em cinco grupos: situações de neutralidade, situações de referência ao passado, situações de referência ao futuro, situações de preservação de face positiva e situações de preservação de face negativa.

De cada grupo de microssituações, o falante introdutor do tópico pegava dois cartões, totalizando 10, lia-os mentalmente, abstraía o tema principal de cada situação e iria introduzindo os tópicos na interação com o seu interlocutor. Se os dez tópicos não rendessem conversa para 40 minutos, o locutor ia pegando mais tópicos e introduzindo-os até que chegasse ao tempo mínimo da gravação.

O Quadro 3 traz a distribuição e algumas informações sociais desses informantes.

Quadro 3: Distribuição e dados sociais dos informantes em rede social pessoal.

Sexo/gênero	Informante	Idade	Curso/período	Cidade
Feminino	D. C.	28	Geografia/8º	Itabaiana
	A. G.	25	Geografia/8º	Campo do Brito
	J. S.	19	Pedagogia/2º	Frei Paulo
	L. R.	21	Pedagogia/8º	Frei Paulo
Masculino	D. S.	21	Geografia/8º	Itabaiana
	D. M.	24	Geografia/8º	Itabaiana
	W. S.	19	Ciências Cont./2º	Frei Paulo
	C. A.	30	Administração/9º	Frei Paulo

As gravações das interações foram realizadas do período de 16 de julho de 2013 a 26 de setembro do mesmo ano.

3.2.2 Falantes cultos de Itabaiana/SE

O banco de dados *Falante Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012) é constituído por 20 entrevistas sociolinguísticas, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com faixa etária dos entrevistados variando entre 21-32 anos. Insere-se na tendência dos estudos de terceira onda na Sociolinguística (ECKERT, 2005), uma vez que é constituído pela comunidade de práticas de universitários da UFS, Campus Prof. Alberto Carvalho, pois nesse momento tanto pesquisador quanto o informante faziam parte da mesma comunidade.

Os informantes foram selecionados em função do nível de escolaridade, uma vez que ser aluno em fase de conclusão do curso ou recém-formado pelo Campus, e morador de Itabaiana ou regiões vizinhas eram critérios para a coleta, e por serem conhecidos dos respectivos entrevistadores. As gravações aconteceram por meio de entrevistas, nas quais os assuntos postos em questão estavam relacionados à faculdade ou à vida pessoal do informante.

3.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Neste estudo, iremos analisar, além das estratégias pragmáticas, algumas estratégias linguísticas e sociais indispensáveis para os estudos sociolinguísticos que influenciam nas realizações das formas *nós/a gente*, a fim de saber qual a influência de contextos de maior e menor polidez na utilização das variantes no momento da escolha linguística do falante, nos dois bancos de dados em estudo. Segue as variáveis controladas.

3.3.1 Variáveis pragmáticas

I) *Relação de poder no tópico conversacional:*

Informante com domínio do tópico = Maior poder na interação;
Informante sem domínio do tópico = Menor poder na interação.

II) *Distância social:*

Interações entre pessoas que mantêm relacionamento diário = Próximo;
Interações entre pessoas que nunca tinham mantido contato = Distante.

III) *Custo de imposição e estratégias de polidez:*

Positiva;

Negativa;
Encoberta.

3.3.2 Variáveis sociais

I) *Tipo da amostra:*

Entrevista Sociolinguística;
Interação conduzida.

II) *Indivíduo:*

Controle de cada um dos indivíduos.

III) *Sexo/gênero:*

Masculino;
Feminino.

3.3.3 Variáveis linguísticas

I) *Marca morfêmica:*

A gente + P3 (com desinência $-\emptyset$);
A gente + P4 (com desinência $-mos$);
Nós + P3 (com desinência $-\emptyset$);
Nós + P4 (com desinência $-mos$).

II) *Tempo verbal:*

Presente do indicativo;
Pretérito imperfeito do indicativo;
Pretérito perfeito do indicativo;
Outras formas verbais.

III) *Preenchimento do sujeito:*

Explícito;
Implícito.

IV) *Simetria:*

Relação simétrica = H/H, M/M;
Relação assimétrica = H/M, M/H.

V) *Multirreferencialidade:*

Eu + você;
Eu + vocês;
Eu + ele;
Eu + eles;
Eu + todos;
Eles.

3.4 ANÁLISE QUANTITATIVA

Os dados das duas amostras foram tabulados e submetidos ao tratamento estatístico de orientação variacionista do pacote GoldVarb X, um módulo de análise bidimensional, que atribui pesos relativos a cada fator integrante de cada variável independente (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

4 NÓS E A GENTE NA FALA DE ITABAIANA

Como visto no capítulo 1, defendemos a hipótese de que quatro estratégias definem os contextos linguísticos com valor de polidez: a relação de poder entre os falantes, a distância social, o custo de imposição e o fator sexo/gênero. Como a estratégia custo de imposição foi controlada a partir de sete tópicos que exigem diferentes custos, para a definição dos contextos mais e menos polidos não iremos utilizá-la, pois daria muitas possibilidades de contextos o que poderia implicar na clareza dos resultados.

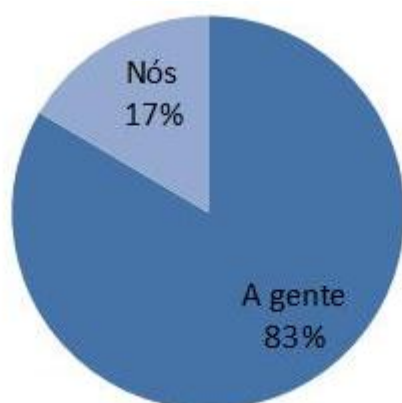
Mesmo com a exclusão da estratégia *custo de imposição*, e ficando apenas com *relações de poder*, *distância social* e *sexo/gênero*, há ainda várias possibilidades de contexto; então iremos utilizar apenas os contextos dos extremos: o mais polido e o menos polido.

Para este estudo, o contexto mais polido será aquele em que o falante possui o poder de introdução tópica, mantém relação de distância social e é do sexo/gênero oposto ao do seu interlocutor. Enquanto o contexto menos polido será aquele em que o falante não possui o domínio do tópico, mantém relações de proximidade social e possui o mesmo sexo/gênero do seu locutor.

Desta forma, neste capítulo, analisaremos e discutiremos os resultados obtidos a partir do processo metodológico descrito no capítulo 3. Após a análise estatística, os resultados quantitativos nos permitem verificar a ocorrência das variantes, em análise, em seus contextos de uso, observando, assim, a influência de contextos mais polidos e menos polidos na distribuição das variantes *nós/a gente* nas duas amostras da comunidade de prática de alunos do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho/UFS.

4.1 RESULTADOS GERAIS

Identificamos 1915 ocorrências de formas referentes à 1ª pessoa do plural na posição sintática de sujeito, divididas em dois tipos: *nós* e *a gente*, tanto na forma expressa quanto na forma não expressa. Para a forma *a gente*, identificamos 1588 ocorrências (83%), enquanto para a forma *nós*, 327 ocorrências (17%), como pode ser visto no Gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1: Distribuição de *nós* e *a gente* nas amostras analisadas.

Diante do Gráfico 1, verificamos que nossos resultados se aproximam dos encontrados no estudo de Seara (2000), na fala de Florianópolis, e de Borges (2004) na comunidade de Pelotas, os quais tiveram 72% e 74% respectivamente de utilização da forma *a gente*. Se comparados aos de Franceschini (2011), na comunidade de Concórdia, e de Borges (2004) na comunidade de Jaguarão, verificamos uma diferença acentuada, já que estes tendem a um grau médio de utilização das duas formas, com 50% e 53% de utilização da forma inovadora, respectivamente, contrastando ainda mais ao resultado de Lopes (1998), o qual teve 42% de utilização de *a gente*.

Como foram analisadas duas amostras, formadas a partir de metodologias de coleta distintas, torna-se pertinente verificar como se deu a distribuição desses dados em cada tipo de amostra, como segue na Tabela 5:

Tabela 5: Uso de *a gente* nos dois tipos de amostras.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Entrevistas	727/884	82,2%	0,38
Interações	861/1031	83,5%	0,60

Podemos observar que houve um número significativo de aplicação da variante inovadora nas duas amostras, mas as interações, com peso relativo de 0,60, foram mais favorecedoras da forma *a gente* se comparadas às entrevistas que tiveram apenas 0,38 de peso relativo. Tal resultado nos aponta para a importância da metodologia de coleta de dados em uma análise sociolinguística, pois à medida que não houve a presença do entrevistador e a gravação foi realizada a partir de conversas, o que se aproxima mais da fala espontânea, houve uma maior possibilidade de aplicação da forma *a gente*, indiciando que a metodologia de coleta baseada no modelo de polidez de Brown e Levinson (2011 [1987]) influencia o fenômeno.

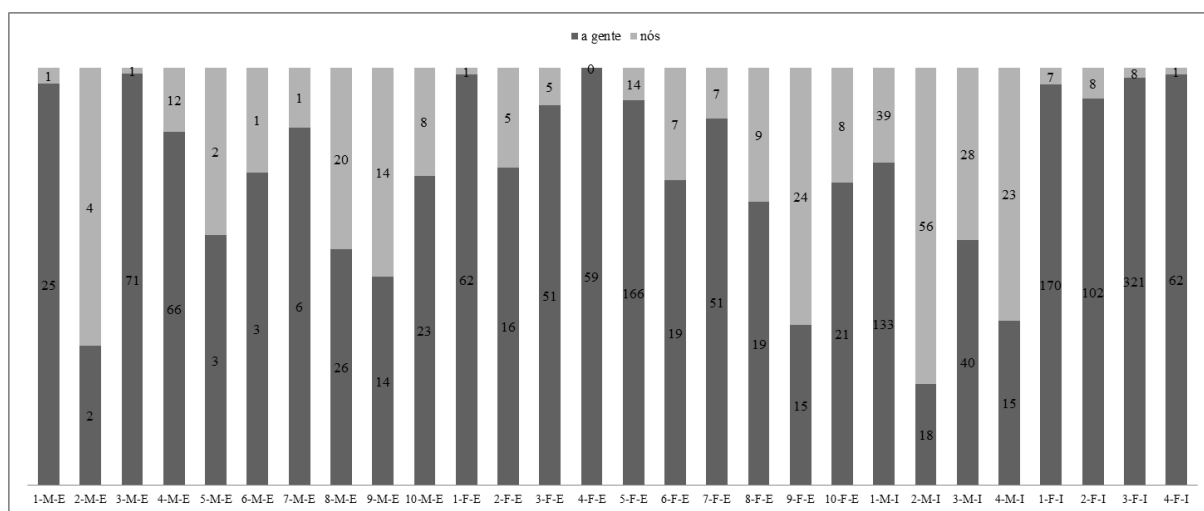
Em relação às entrevistas é possível inferir que, por estas possuírem todo o seu valor sociocultural e o entrevistado ser o centro da atenção, o falante sente a necessidade de se expressar da melhor forma possível, baseando-se no que defende os compêndios gramaticais tradicionais. Tal fato acaba influenciando nas escolhas linguísticas dos falantes, à medida que o entrevistado acaba se policiando mais, se comparado a uma situação comunicativa mais espontânea como as interações, o que traz diferenças na análise de dados de fala.

É nesse ponto que Brown e Levinson (2011 [1987]) defendem que todo falante é dotado de raciocínio e face, ou seja, todo e qualquer falante sabe da necessidade social de como orientar-se em cada situação para mostrar à sociedade a sua melhor imagem. E se o falante está sendo entrevistado, ou seja, está em uma situação que exige maior polidez, ele tenta ao máximo, através da linguagem, deixar a sua melhor imagem.

Partindo dessa perspectiva, podemos levantar dois questionamentos: 1) mesmo sabendo que a forma inovadora não é estigmatizada (cf. PAIVA, 2007; SEARA, 2000, dentre outros), a possibilidade de menor aplicação dessa variante nas entrevistas é pelo fato de a forma canônica ainda possuir um valor de prestígio na sociedade, e consequentemente emergir de ambientes mais polidos? 2) Ou será que o desfavorecimento de aplicação da forma *a gente* nas entrevistas é decorrente de essa forma ter um valor semântico menos específico de referência?

Ainda sobre a distribuição das realizações das formas *nós/a gente* dos dois *corpora*, a partir do Gráfico 2, também podemos verificar esse uso por indivíduo, a fim de percebermos se a frequência de utilização mantém uma regularidade ou não.

Gráfico 2: Distribuição de *nós* e *a gente* por indivíduo da amostra.



A partir dos dados do Gráfico 2, podemos verificar quais variantes foram mais utilizadas por cada informante. São 20 informantes do banco de dados *Falantes Cultos de Itabaiana* – 10 do sexo masculino (1-M-E a 10-M-E) e 10 do sexo feminino (1-F-E a 10-F-E) – e 8 informantes do banco de dados *Rede Social de Informantes Universitários* – 4 do sexo masculino (1-M-I a 4-M-I) e 4 do sexo feminino (1-F-I a 4-F-I).

Percebemos que, à exceção da informante 4-F-E, que para todas as referências à 1ª pessoa do plural utilizou a variante inovadora, todos os outros informantes das amostras usaram as duas variantes, alguns utilizando a canônica em menor, outros em maior proporção.

As porcentagens referentes ao uso da variante inovadora variam muito entre os informantes da amostra, indo de 24,3% (informante 2-M-I) a 100% (informante 4-F-E). No geral, observamos que apenas 5 falantes utilizaram a forma inovadora com percentual igual ou inferior a 50% (2-M-E, 9-M-E, 9-F-E, 2-M-I, 4-M-I), 10 falantes utilizaram a forma *a gente* entre 50 e 80% (5-M-E, 6-M-E, 8-M-E, 10-M-E, 2-F-E, 6-F-E, 8-F-E, 10-F-E, 1-M-I, 3-M-I), e os outros 13 falantes utilizaram a forma inovadora com percentual superior a 80%, como segue detalhado na Tabela 6.

Tabela 6: Uso de *a gente* por indivíduo da amostra.

	Aplic./total	Percentual
1-M-E	25/26	96,1
2-M-E	2/6	33,3
3-M-E	71/72	98,6
4-M-E	66/78	84,6
5-M-E	3/5	60
6-M-E	3/4	75
7-M-E	6/7	85,7
8-M-E	26/46	56,5
9-M-E	14/28	50
10-M-E	23/31	74,2
1-F-E	62/63	98,4
2-F-E	16/21	76,2
3-F-E	51/56	91,1
4-F-E	59/59	100
5-F-E	166/180	92,2
6-F-E	19/26	73,1
7-F-E	51/58	87,9
8-F-E	19/28	67,9
9-F-E	15/39	38,5
10-F-E	21/29	72,4
1-M-I	133/172	77,3
2-M-I	18/74	24,3
3-M-I	40/68	58,8
4-M-I	15/38	39,5
1-F-I	170/177	96
2-F-I	102/110	92,7
3-F-I	321/329	97,6
4-F-I	62/63	98,4

A maior regularidade de uso que podemos observar é em relação aos informantes do sexo feminino nas interações, pois mantiveram um percentual de aplicação acima de 90%.

Analisando apenas os contextos mais polido e menos polido, conforme foram definidos no início deste capítulo, podemos perceber que os resultados gerais se aproximam dos encontrados no contexto de maior polidez, como segue na Tabela 7.

Tabela 7: Contexto de polidez e variação nós x a gente.

	A gente		Nós	
	Aplic./total	Percent.	Aplic./total	Percent.
Contexto mais polido	119/140	85	21/140	15
Contexto menos polido	200/282	70,9	82/282	29,1

Nos resultados gerais obtivemos 83% de utilização da forma inovadora, resultado esse que se aproxima com os 85% nos contextos de maior polidez. Já no contexto menos polido, tivemos um percentual de aplicação menor, 70,9%, fato que não está de acordo com o que esperávamos, pois acreditávamos que a forma inovadora seria utilizada com maior frequência em contextos menos polidos.

A explicação que encontramos para esse resultado é que *a gente* pode ser considerada uma forma de marcador de identidade grupal mais eficaz que a forma *nós* quando os interlocutores são desconhecidos. E como no contexto mais polido os interlocutores não se conheciam, houve a maior utilização da forma *a gente* como um recurso que melhor se adaptava à tentativa de aproximação daqueles que eram distantes.

Seguiremos a análise pela ordem selecionada pelo Gold Varb X, iniciando pelos fatores formais, Preenchimento do sujeito e Marca morfêmica. Na sequência, analisaremos Tempo verbal, Multirreferencialidade, Sexo/gênero, Simetria e Distância social. Relação de poder no tópico conversacional e Custo de imposição e estratégias de polidez não foram selecionados pelo programa, mas constituem importantes fatores para a nossa análise.

4.2 PREENCHIMENTO DO SUJEITO

A explicitação do pronome foi um dos fatores formais selecionado estatisticamente como significativo neste estudo. As variantes *nós/a gente* tanto podem ter o sujeito preenchido, quanto não preenchido, ou seja, podem aparecer explícitos ou implícitos nos contextos de uso, como nos exemplos 5 e 6:

- (5) F1: *porque geralmente às vezes nessas clínicas particulares a gente tem hora de chegar mas Ø não tem hora de sair... é uma demora... braba mesmo pagando...* (A.G._{cdt} L.R._{sdt} D F_F 08).
- (6) F2: *o dinheiro é uma construção social... como é que nós não miramos é como é que Ø não temos condições de mirar o dinheiro?* (W.S._{cdt} D.S._{sdt} D M_M 27).

E como a forma *a gente* constitui um contexto favorável para o preenchimento do sujeito, conforme resultados de outros estudos, lançamos a hipótese de que os contextos da forma inovadora tivessem uma aplicação maior no fator explicitação. Observemos os resultados da Tabela 8.

Tabela 8: Uso de *a gente* e Preenchimento do sujeito.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Explícito	1505/1640	91,8%	0,57
Implícito	83/275	30,2%	0,17

Os resultados confirmam nossa hipótese, posto que houve uma aplicação de 91,8% de explicitação da forma *a gente*, enquanto houve 30,2% de referências implícitas, com peso relativo de 0,17, o que desfavorece a não explicitação da forma *a gente*. Esse resultado se assemelha aos de Franceshini (2011) e Silva (2010), que tiveram respectivamente 90% e 95% de utilização explícita da forma pronominal inovadora.

Resultados para o fator preenchimento do sujeito também podem ser analisados sob a perspectiva de contextos mais e menos polidos, como segue na Tabela 9.

Tabela 9: Contextos de polidez e Sujeito preenchido.

	Aplic./total	Percentual
Contexto mais polido	125/140	89,3
Contexto menos polido	224/282	79,4

A partir da Tabela 9, verificamos que o contexto de maior polidez favorece o preenchimento do sujeito, uma vez que houve um percentual de aplicação de 89,3, ao passo que para os contextos menos polidos, apenas 79,4%. Essa maior aplicação em contextos mais polidos deve estar estritamente relacionada ao desejo de expressar-se da melhor forma, de definir às quais pessoas os falantes se referem, pois conforme defende Bechara (2009, p. 409), os sujeitos implícitos “quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa”.

4.3 MARCA MORFÊMICA

A variável marca morfêmica foi o segundo grupo de fatores formal selecionado como estatisticamente significativo na nossa amostra. Ele se torna pertinente neste estudo, uma vez que trabalhamos com dados de fala de universitários, e o esperado pela sociedade para alguém que cursou ou esteja cursando uma faculdade é que as desinências sejam realizadas de forma não estigmatizada. Dois fatores serão controlados: com desinência *-mos*, verbo na quarta pessoa (P4), e com desinência *-Ø*, verbo na terceira pessoa (P3). Então temos as seguintes formas de concordância:

A gente + P3:

- (7) *F1: eu acho que só no momento mesmo da situação para **a gente** saber como é que realmente **a gente** ia reagir...* (A.G._{cdt} D.S._{sd} P F_M 05).

A gente + P4:

- (8) *F2: **a gente** vivemos na democracia né então não só pra ficar no nome... então o povo tem que ir pra rua mesmo e se as coisas não funcionam bem tem que realmente protestar... interessante* (D.S._{cdt} W.S._{sd} D M_M 03).

Nós + P3:

- (9) *F2: pois... já vai daqui umas cinco hora de relógio... daqui uns dia **nós tá** virando a noite...* (D.S._{cdt} D.M._{sd} P M_M 01).

Nós + P4:

- (10) *F1: onde **nós moramos** aqui é tudo muito bom... é a...né não?* (D.S._{cdt} D.M._{sd} P M_M 01).

Para esse fator, como se trata de concordância, traço do sistema carregado de prestígio social, podendo transmitir uma imagem do falante, nossa hipótese era de que a forma pronominal *a gente* ocorresse com a desinência *-Ø*, em quase sua totalidade, já que os informantes das duas amostras eram universitários e consequentemente tinham tempo satisfatório de contato e prática com a língua escrita e falada formal. Além disso, também esperávamos que os contextos mais polidos fossem ambientes favorecedores do uso prescrito pelas gramáticas tradicionais.

Tabela 10: Uso de *a gente* e Marca morfêmica.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Com desinência <i>-mos</i>	7/273	2,6%	0,01
Com desinência <i>-Ø</i>	1581/1642	96,3%	0,72

Com os dados da Tabela 10, verificamos que a hipótese foi confirmada, posto que 96,3% das aplicações da variante inovadora foram com a desinência $-\emptyset$, concordando com os resultados de Vianna (2006), ao analisar a amostra do PEUL, que obteve percentual satisfatório de concordância da forma *a gente* com verbo na 3ª pessoa do singular, tanto na década de 1980, com 84%, quanto na década de 1990 com 91%; e com os resultados de Lopes (2003), a partir de dados do Projeto NURC-RJ, com 87% de concordância formal de *a gente* com verbo na 3ª pessoa do singular.

Em relação à forma *a gente* + (P4), foram raras as ocorrências de concordância com a desinência $-\text{mos}$, vistas como estigmatizada nos meios acadêmicos.

Esses resultados das duas amostras também podem ser analisados sob a perspectiva de contextos mais ou menos polidos, como seguem na Tabela 11, a fim de verificar se o contexto constitui-se em fator fundamental para a aplicação das marcas morfêmicas.

Tabela 11: Contexto de polidez e marca morfêmica $-\emptyset$.

	A gente		Nós	
	Aplic./total	Percent.	Aplic./total	Percent.
Contexto mais polido	119/119	100	5/21	23,8
Contexto menos polido	200/200	100	22/82	26,8

A partir dos resultados expostos na Tabela 11, verificamos que o contexto não exerceu muita influência para este fator, posto que a concordância com a forma *a gente* foi realizada segundo os padrões exigidos pela sociedade, e em relação à forma *nós* houve um pequeno desvio às normas gramaticais em ambos os contextos. Acreditamos que a posição de universitário que eles estavam ocupando e o desejo de ter a aprovação da sua face foram fatores significativos, independente do contexto.

Analisando as ocorrências por tipo de amostra, veremos que os resultados são bastante próximos, como seguem na Tabela 12 abaixo:

Tabela 12: Uso de *a gente* e Forma do verbo, por amostra.

		Entrevistas		Interações	
Com desinência $-\emptyset$	a gente	725	97%	856	96%
	nós	21	3%	40	4%
Com desinência $-\text{mos}$	a gente	2	1%	5	4%
	nós	136	99%	130	96%

As diferenças de percentuais entre as ocorrências nas entrevistas e nas interações são pouco relevantes, já que os números são próximos, mas mostram que, no ambiente de fala mais espontâneo das interações, houve maior fuga ao uso socialmente avaliado como de

prestígio, com a combinação da forma *a gente* e a desinência *–mos*; nas entrevistas houve percentual de 1%, enquanto nas interações houve o percentual de 4%, o que supõe que as entrevistas constituiu um ambiente mais polido, e que demonstra que o entrevistado possui maior preocupação com a sua face que está sendo exposta.

Assim, verificamos que o esperado de um universitário, pela sociedade, como um cidadão que possui uma quantidade satisfatória de anos de escolaridade, foi atingido, à medida que quase a totalidade das ocorrências se deu com as desinências verbais de acordo com a forma canonicamente estabelecida, e que independente de o contexto ser mais ou menos polido, houve uma utilização uniforme das formas.

4.4 TEMPO VERBAL

O tempo verbal é um fator importante na análise da variação *nós/a gente* no português brasileiro. Seara (2000), ao estudá-lo, correlaciona-o à saliência fônica, pois segundo a pesquisadora, os verbos no pretérito perfeito e no presente do indicativo possuem maior saliência fônica, o que contribui para que a forma *a gente* seja utilizada com menos frequência nesses tempos verbais; enquanto o tempo pretérito imperfeito possui menor saliência fônica, favorecendo o uso da forma inovadora.

Do ponto de vista da polidez, podemos levantar hipóteses de que o tempo verbal pretérito imperfeito possui função de polidez, por se tratar de uma forma verbal que não tem a rigidez do tempo exato, já que manifesta continuidade a fatos que ocorreram anteriormente, e ainda tem o poder de expressar delicadamente uma afirmação.

Dessa forma, como o *a gente* é uma forma pouco saliente, nossa hipótese era que o maior percentual de aplicação da forma fosse com verbos no pretérito imperfeito, que é pouco saliente, como no Exemplo 11, dando menos espaço às formas no presente, exemplo 12, e no pretérito perfeito do modo indicativo, como no Exemplo 13. Além disso, também acreditávamos que em contextos mais polido tivéssemos maior frequência de formas verbais no pretérito imperfeito.

- (11) *bom... eu não tinha (hes) mui- muita ansiedade para receber notas né? uma vez... principalmente... porque eu sabia (hes) que a nota não poderia ser uma nota ruim*

porque (hes) da minha parte e da parte dos meninos **a gente** (hes) se juntava e fazia o melhor que **a gente podia** né? (m 09)⁶.

- (12) **a gente... tem** o privilégio de ter uns laboratórios na área de pesquisa... que tem um laboratório que é o LEPeM... de Ensino e Pesquisa de Educação Matemática... onde **a gente desenvolve...** algumas atividades... práticas... que vão servir de subsídio pra melhorar o ensino né?...(f 14).
- (13) *ai a menina apresentou o grupo “boa noite... esse é o grupo fulano”... ai quando eu comecei falei... falei... ai quando eu terminei os demais falaram... ai quando **a gente terminou** a apresentação a professora queria fazer um comentário a respeito do seminário **a gente já ficou** apreensiva... ai ela disse “não vocês estão de parabéns... o grupo tá de parabéns... se saíram super bem...(f 17).*

Para essa categoria, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 13: Uso de *a gente* e Tempo verbal.

	Aplic./total	Percentual
Presente ind.	1083/1308	82,8
Pretérito imp.	178/199	89,4
Pretérito perf.	169/231	73,2
Outras formas	158/177	89,3

Os resultados da Tabela 13 comprovam que o tempo verbal que mais favoreceu a forma *a gente* no nosso *corpus* foi o pretérito imperfeito do indicativo, como o esperado, com percentual de 89,4%, seguido do tempo verbal no presente do indicativo, com percentual de 82,8%. De forma semelhante, Seara (2000) também identificou na fala de Florianópolis percentual de 82% de aplicação de *a gente* para o pretérito imperfeito, ambos se distinguindo do resultado de Franceschini (2009) e Silva (2010) que tiveram maior favorecimento da forma inovadora no presente do indicativo, com percentuais de 61% e 85,3%, respectivamente.

Considerando apenas os contextos de maior e menor polidez, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 14: Contexto de polidez e os tempos verbais para o uso de *a gente*.

	Contexto mais polido		Contexto menos polido	
	Aplic./total	Percent.	Aplic./total	Percent.
Presente do ind.	93/109	85,3	117/159	73,6
Pretérito imperf.	11/11	100	32/45	71,1
Pretérito perf.	5/7	71,4	22/44	50
Outras formas	10/13	76,9	29/34	85,3

⁶ Exemplos retirados de entrevistas sociolinguísticas do banco de dados *Falantes cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012). As siglas representam as identificações sociais dos informantes, sendo que os caracteres *f* e *m* representam o sexo do informante (feminino ou masculino), e os algarismos correspondem ao número da entrevista.

A partir dos resultados da Tabela 14, observamos que as formas verbais no pretérito imperfeito favoreceram a aplicação da forma *a gente* com percentual de 100%, enquanto no contexto menos polido o percentual foi de 71,1%, comprovando que, nesse aspecto, a forma inovadora possuiu caráter mais polido. Nos tempos presente do indicativo e pretérito perfeito, houve também maior favorecimento de *a gente*, com percentuais próximos dos encontrados na Tabela 13.

4.5 MTULTIRREFERENCIALIDADE

A variável multirreferencialidade é bastante explorada nos estudos concernentes à variação de *nós/a gente* no português brasileiro, a fim de analisar se os traços semânticos dessas formas tendem a referentes [+/- *específicos*]. O caráter de multiplicidade referencial das formas abrange várias significações nas negociações comunicativas entre os interlocutores, em muitos casos, identificadas por fatores de ordem não estrutural.

Lopes (2004, p. 73) acredita que o caráter mais genérico da forma *a gente* é decorrente da origem do nome que passou pelo seguinte processo: “gente [nome genérico] => a gente [pronome indefinido] => a gente [substituto virtual do pronome pessoal *nós*]”, comprovando esta teoria com o seu estudo, a partir da amostra NURC/RJ, que teve percentual e peso relativo favorável à aplicação da forma *a gente* com sentido semântico mais genérico, assim como o estudo de Silva (2010), que também traz resultados favoráveis na ampliação da referência do pronome *a gente*. Por outro lado, Seara (2000, p. 184) defende a hipótese de que “cada vez mais a questão de menor especificidade do sujeito começa a desaparecer com relação à forma *a gente*”.

Partindo da ideia de que a forma pronominal inovadora está perdendo seu caráter estritamente genérico, tornando-se mais específico em algumas situações, e com carga de valores pragmáticos, iremos analisar esse fator a partir da escala de cinco graus traçada por Lopes (1998) acrescido de mais um, que seguem um *continuum* que vai do grau máximo de inclusão do *eu* ao grau em que o *eu* não está incluído, a fim de identificarmos como os falantes estão utilizando as formas pronominais para indeterminar o sujeito.

O primeiro grau que apresenta maior especificidade do referente é aquele em que o *eu* + *você* estão incluídos, como segue nos exemplos 14 e 15 abaixo:

- (14) F1: *é né? o ruim é isso... até mesmo essa questão como **a gente** tava dizendo das praças... é... quando você parte pra o interior você vê muito essa questão da ainda dos*

mais velhos de ir pra praça conversar mesmo que seja de política [mas vão]...
(D.S._{cdt} A.G._{sd} P M_F 02).

(15) F1: *foi fazer uma atividade...*

F2: *não mas **nós** estávamos ali **nós** estávamos ali batendo um papo...*

F1: *o único dia que foi que bateu papo só foi porque você passou na esquina... eu tava na porta... e assim mesmo... com muito grito aí você passou lá...*
(D.M._{cdt} D.S._{sd} P M_M 09).

A partir dos exemplos 14 e 15 acima, percebemos que as formas referentes à terceira pessoa do plural são mais específicas, visto que se referem apenas ao *eu + você*. Na interação do Exemplo 14, os interlocutores já haviam falado do significado das praças para a sociedade, e nesse trecho da interação o F1 retoma o tópico e lembra ao seu interlocutor que eles já tinham falado sobre esse assunto. E no Exemplo 15, o F1 estava reclamando ao F2 que este não ia “bater um papo” na casa do F1, enquanto isso, o F2 tenta provar que eles já tinham “batido papo” sim. E para fazer essa referência aos dois, o F2 utilizou a variante *nós*.

O segundo grau mais baixo de amplitude do sujeito é aquele formado a partir do *eu + vocês*, em que a referência ultrapassa o limite dos dois interlocutores, como no Exemplo 16 abaixo.

(16) F2: *rapaz... () sair daqui... tá meio difícil porque **a gente** já não ve concurso né na área da gente... já não tem quase...*

F1: *é... e o pior e o pior que o certo fazer é é é é... manifestação né a categoria dos professores... os médicos fizeram conseguiram dois anos do SUS pra trabalhar... se forma e já trabalha no SUS e **nós** que se forma e vai trabalhar na onde? nas roças aí...*
(D.S._{cdt} D.M._{sd} P M_M 01).

No exemplo 16, podemos perceber que o F2 se refere a ele, ao seu interlocutor e aos seus colegas do curso de geografia com a forma *a gente*, quando lamenta pela falta de emprego na área deles; já o F1, quando vai mostrar uma possível solução para o problema, utiliza a forma *nós*, englobando não só os licenciados em geografia, mas a categoria de professores em geral, mas apesar disso essa referência continua com a mesma abrangência, pois ainda está restrito a um grupo e não a todos de forma generalizada.

A terceira forma de amplitude dos traços semânticos do referente é formada a partir do *eu + ele*, ou seja, o locutor e uma pessoa que não está fazendo parte da locução, como nos Exemplos 17 e 18.

(17) F1: *mas nesse nessa ida que você foi com o seu pai se vocês demoraram muito pra ser atendido ou foi atendido logo?...*

F2: *não até que a a devido... a grande procura que é lá... o número de de acidentes que acontece que sempre tudo acontece lá... o setor que **a gente** foi procurar era justamente*

*esse setor de de traumas... até que foi rápido o atendimento porque **a gente** chegou... sem ordem médica assim... que o médico daqui... é... recomendou que fosse fazer essa ressonância pra realmente ele descobrir o que era né... problema de coluna mas realmente é ... descobrir o o... a real causa né... mas **a gente** chegou umas oito... sete da manhã... meio dia... porque a questão de passa pra um setor passa pra outro... (A.G._{cdt} D.C._{sd} P F_F 06).*

- (18) F1: *era de Morena... todo dia eu perdia o primeiro capítulo de Morena mas só que **nós** negociamos... um dia ela perdia... outro dia eu perdia um dia ela perdia o final de Carrosel no outro dia eu perdia o início de Salve Jorge... (D.M._{cdt} D.S._{sd} P M_M 09).*

No Exemplo 17, quando a F2 é questionada se eles demoraram a ser atendidos no HUSE, ela responde com a forma *a gente* designando ela e o pai dela, que foram em busca de atendimento médico. Da mesma forma, no Exemplo 18, o informante utiliza a forma de 1ª pessoa do plural *nós* para se referir a ele e à mãe dele, quando explicava ao amigo como ele e a mãe dele faziam para assistir à telenovelas no mesmo horário e na mesma televisão.

O próximo nível de grau de inclusão do *eu*, se refere a *eu + eles*, em que não há a inclusão do interlocutor, como podemos verificar nos exemplos 19 e 20.

- (19) F2: *então tem um caso desse na família minha mãe ela sofre de colesterol e as vezes tá bem alto... ela adora comer comidas pesadas... **a gente** tenta fazer o máximo assim de cortar **a gente** coloca assim... a cada quinze dias... ela come duas coisas... que ela gosta desse ritmo pesado e ela passa mais quinze dias... sem comer as vezes **a gente** consegue... mas as vezes não esses últimos dias mesmo a semana passada ela comeu feijoadada... hoje ela comeu rabada... aí **a gente** tenta o máximo ela a gente faz com que ela coloque um pouquinho não exagere tal... porque... **a gente** tenta lembrar ela das crises quando dá as crises né? porque... pra ver se ela reduz é difícil... mas a gente tenta (L.R._{cdt} D.M._{sd} D F_M 31).*
- (20) F2: *olha melhorias... melhorias pro transporte público... conforto né? que ontem eu estava em Aracaju eu... assim fiquei pê da vida... tava com uns colegas fui inclusive trabalho de faculdade... lá no hotel hotelaria... aí **nós** tava lá no semáforo e passou um ônibus... lotado o pessoal tudo em pé que ia vinha do trabalho ou ia trabalhar... e todos os dias paga um absurdo passagem alta cla- cara né? (W.S._{cdt} C.A._{sd} P M_M 25).*

Neste caso de traço semântico do referente, fica claro, no Exemplo 19, que todas as ocorrências da forma *a gente* se referem ao locutor e a outras pessoas, que, neste exemplo, são os irmãos dele, não incluindo o seu interlocutor. Com a mesma abrangência de referente, o Exemplo 20 traz a variante *nós* como referência ao locutor e aos amigos que estavam com ele no semáforo.

O nosso penúltimo grau de análise com relação ao caráter genérico das formas é o *eu + todos*, quando o locutor faz uma abrangência genérica do referente, como é apresentado nos exemplos 21 e 22.

- (21) *F1: outra questão <<né>>? voltada assim a questão dos problemas sociais é a questão da saúde... e a gente... vê a gente ouve falar muito a gente convive muito com isso com a questão da (hes) dos problemas na saúde pública... a gente vê também que no particular... ultimamente mesmo principalmente tem sido um problema cada vez mais... (D.C._{cdt} J.S._{sdt} D F_F 16).*
- (22) *F2: como é que um um pobre um trabalhador um operário vai ter condições de fazer de fazer essa alimentação saudável se o quilo de tomate é cinco reais? orgânico... não na na em períodos de... de safras mesmo períodos normais porque no período que nós estamos agora na inflação... já deve tá ne oito ou dez reais... como é que um um trabalhador um operário vai ter condições de pagar em um quilo de tomate dez é dez oito a dez reais? (A.G._{cdt} D.S._{sdt} P F_M 05).*

Tanto no Exemplo 21, quanto no 22, os locutores utilizam as formas pronominais de 1ª pessoa do plural, em sentido abrangente, que Lopes (1998) considera como o mais abrangente, o [- determinado], que inclui não apenas o locutor, o interlocutor, pessoas conhecidas ou grupos que participam de determinada ação, mas os brasileiros em geral.

No nosso *corpus* de análise, sentimos a necessidade de mais uma categoria com um grau de maior indeterminação do que o apresentado por Lopes (1998), em que a forma exclui totalmente o locutor. Nos exemplos 23 e 24 abaixo seguem algumas ocorrências dessas formas com sentido semântico de exclusão.

- (23) *F2: ninguém sa- sabia onde tava essa empresa de locação só sabia dizer que não era ali... e quando ligava... pra o número que se tinha o rapaz... negava... da informação do endereço... da empresa ou seja era empresas fajutas... que o... arruma uma pessoa laranja... pra me fornecer isso... pago mas só que nesse pagar você tem a sua parte que não é... apenas... por você fornecer o transporte... mais uma parte por você criar essa empresa fajuta... e a gente divide aquilo que o governo paga pela locação desse tran- desse transporte... dois deputados eu não me recordo o nome dos dois deputados... mas dois deputados foram investigados e foi descoberto isso (C.A._{cdt} D.M._{sdt} D M_M 19).*
- (24) *F2: é... de expansão... os campo de expansão... se expandem os campos... vamos aumentar vagas mas não vamos é... aumentar a questão da qualidade do ensino... ofertas de materiais... é... ônibus disponíveis... equipamentos livros... isso não... vamos só empurrar o povo na universidade... quando vamos encher... tá tudo () na universidade... o negócio tá bom na educação... na educação... (D.S._{cdt} D.M._{sdt} P M_M 01).*

Embora em pequena quantidade, casos como esses apareceram no nosso *corpus*. Em sua grande maioria, estão inseridos em tópicos que envolvem problemas sociais, em que é evidente a insatisfação do locutor sobre o que está sendo dito e as evidências contextuais levam ao entendimento de que o locutor não participa da ação.

Dessa forma, as variáveis de referência à 1ª pessoa do plural podem designar vários referentes, sejam eles do grau máximo ao grau mínimo de especificidade. Levando em

consideração os tópicos conversacionais no momento das interações, não esperávamos uma aplicação muito significativa das formas *nós/a gente* para referências [+ *específicas*], já que os temas em sua grande maioria giravam em torno de questões sociais, bem como nas entrevistas, em que os entrevistados estavam sempre se referindo a ele próprio e aos colegas de curso. Logo, o esperado era referências mais genéricas, mas atentando para a forma utilizada, a fim de se confirmar que a variante *a gente* também está ganhando espaço no campo da determinação, enquanto a forma *nós*, no campo da indeterminação. Vejamos na tabela 15 alguns resultados obtidos.

Tabela 15: Uso de *a gente* e Multirreferencialidade.

	Aplic./total	Percentual
Eu+você	19/53	35,8%
Eu+vocês	172/211	81,5%
Eu+ele	140/193	72,5%
Eu+eles	608/685	88,8%
Eu+todos	639/742	86,1%
Eles	10/31	32,3%

Quanto à referência *eu + você*, significando o locutor e o interlocutor, tivemos percentual baixo para o uso de *a gente*, pois a forma *nós* com maior especificidade semântica de sujeito ainda foi mantida neste estudo, uma vez que para a forma *a gente*, tivemos uma aplicação de 35,8%.

Em relação aos outros dois graus do *continuum* que vão do [- *específico*] ao [+ *específico*], referentes ao *eu + vocês* e *eu + ele*, percebemos uma maior aplicação de *a gente*, tendo percentuais de 81,5% e 72,5%, respectivamente.

Na referência a *eu+eles* encontramos a maior taxa de aplicação da variante inovadora, com percentual de 88,8%. E quando a referência se torna mais genérica, abrangendo o locutor + todos os seres humanos, a forma inovadora tem um percentual de 86,1%.

Já o último grau do *continuum*, em que o locutor não se inclui, desfavorece a aplicação da forma, uma vez que as ocorrências foram mínimas. Resultado semelhante pode ser visto no estudo de Mendonça (2012), que teve peso relativo para esse grau de análise 0,04.

Interessante notar que os graus situados nos extremos do *continuum*, *eu + você* e *eles*, foram favoráveis à aplicação de *nós*. Inferimos que tal ocorrência se deve ao fato de a forma canônica possuir menor abrangência, e o grau *eles*, mesmo estando no outro extremo, adquire caráter menos genérico, já que o falante não se inclui. Além disso, também podemos inferir que a forma *nós* no último grau pode ter sido utilizada como forma de distanciamento do que estava sendo dito.

Esses resultados corroboraram com nossas hipóteses quanto à generalização do referente, e para comprovar que a escolha de uma das formas está relacionada ao desejo de se comprometer com o que está sendo dito, ou não, cruzamos o fator referência com o grau de distância social, para, a partir disso, podermos fazer algumas inferências, como segue abaixo com os dados da Rede Social.

Tabela 16: Uso de *a gente* e correlação entre Grau de distância social e Referência das Interações.

	Próximo		Distante	
Eu + você	12/25	48%	6/12	50%
Eu + vocês	49/61	80%	49/55	89%
Eu + ele	55/73	75%	30/37	81%
Eu + eles	71/81	88%	85/87	98%
Eu + todos	206/249	83%	292/326	90%
Eles	2/18	11%	4/7	57%

Cruzando o fator grau de distância social e referência, os resultados indicam que há uma regularidade de uso tanto nas relações próximas, quanto nas relações em que os interlocutores são socialmente distantes, em cinco graus de especificidade de referentes analisados. Desde o grau máximo de inclusão do locutor, *eu + você*, ao que caracteriza um referente genérico, *Eu + todos*, as porcentagens de aplicação, embora com diferenças não tão acentuadas, foram superiores nos relacionamentos de distância social.

Já no grau extremo de indeterminação do nosso estudo, constituído pela não-pessoa, *eles*, verificamos que há uma diferença muito significativa de utilização das variantes *a gente* nos dois tipos de relações de proximidade, ou seja, em interações com pessoas próximas houve apenas 11% de aplicação, enquanto que nas interações com pessoas distantes, houve uma aplicação de 57%, podendo inferir que a maior aplicação da forma inovadora com pessoas distantes possa estar relacionada ao desejo de não se comprometer com aquilo que está sendo dito, já que o falante tenta preservar ainda mais a face quando interage com desconhecidos.

Ainda na perspectiva da multirreferencialidade, verificaremos a partir dos dados da Tabela 17, se houve diferenças significativas de aplicação da forma *a gente* em contextos mais polidos e menos polidos.

Tabela 17: Contexto de polidez e a multirreferencialidade para o uso de *a gente*.

	Contexto mais polido		Contexto menos polido	
	Aplic./total	Percent.	Aplic./total	Percent.
Eu + você	1/12	8,3%	2/10	20%
Eu + vocês	5/6	83,3%	21/33	63,6%
Eu + ele	4/7	57,1%	32/56	57,1%
Eu + eles	11/11	100%	72/85	84,7%
Eu + todos	98/103	95,1%	69/86	80,2%
Eles	0/1	0	4/12	33,3%

Os resultados expostos na Tabela 17 confirmam a preferência de utilização da forma *a gente* em contextos mais polidos, corroborando os apresentados na Tabela 15, posto que há uma menor aplicação da forma inovadora nos extremos do *continuum*, o que pode estar estritamente relacionado ao caráter menos genérico da forma.

4.6 SEXO/GÊNERO

O controle do fator social sexo/gênero é indispensável nos estudos sociolinguísticos. Paiva (2007) considera que as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres, para a sociolinguística, se concentram no plano lexical, e que nas sociedades ocidentais a diferença de vocabulário entre os sexos tende a desaparecer, devido à nova organização social que vem se instalando em todo o ocidente. Trabalhos como o de Borges (2004), Tamanini (2002), Franceshini (2011), entre outros, confirmam que a variante *a gente* está sendo utilizada de forma superior pelas mulheres, mas que os homens também vêm fazendo uso significativo dessa forma inovadora, o que condiz com as nossas expectativas neste estudo.

Tabela 18: Uso de *a gente* e o fator Sexo/gênero.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Masculino	445/656	67,8%	0,29
Feminino	1143/1259	90,8%	0,63

Diante dos resultados da Tabela 18, observamos que os informantes do sexo feminino realizaram em maiores proporções a forma inovadora, com 90,8% de frequência, e o peso relativo favorece uma aplicação de 0,63, contrastando com o peso menos significativo para aplicação que teve nas realizações dos indivíduos do sexo masculino, 0,29.

Analizamos também, separadamente, a frequência da amostra *Rede Social de Informantes Universitários* para verificar se a metodologia diferenciada de coleta de dados influenciou na frequência de uso da variante *a gente*, tanto por parte dos homens quanto por parte das mulheres.

Tabela 19: Uso de *a gente* e o fator Sexo/gênero, nas interações.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Masculino	206/352	58,5%	0,17
Feminino	655/679	96,5%	0,69

Os resultados apontam que os homens foram sensíveis à metodologia utilizada. Pois se compararmos esses resultados com os da aplicação geral, podemos confirmar que o resultado

de aplicação de *a gente*, por parte dos homens, foi mais baixo, 58,5%, e peso relativo de 0,17, desfavorecendo o uso da forma inovadora.

Em virtude disso, podemos afirmar que a metodologia de coleta adotada nas interações surtiu o efeito esperado por parte dos integrantes do sexo masculino, uma vez que de 67,8% de utilização de *a gente* na análise geral, o percentual diminuiu para 58,5% na análise específica.

Os percentuais de aplicação ainda podem ser vistos através da relação do contexto de polidez, uma vez que é possível verificar se a forma inovadora foi favorável em contextos mais polidos ou menos polidos. Os resultados seguem na Tabela 20.

Tabela 20: Contexto de polidez e o uso de *a gente* por sexo/gênero.

	Feminino		Masculino	
	Aplic./total	Percent.	Aplic./total	Percent.
Contexto mais polido	106/118	89,8	13/22	59,1
Contexto menos polido	172/208	82,7	28/74	37,8

Como apresentado na Tabela 20, a forma inovadora foi utilizada por falantes de ambos os sexos, com maiores proporções em contextos mais polidos. De forma geral, acreditamos que estamos passando por um processo de mudança linguística liderado pelas mulheres, já que o percentual de aplicação da forma é dominante em todos os contexto.

No caso dos informantes do sexo masculino, observamos que a diferença atinge mais de vinte pontos percentuais, do contexto menos polido para o mais polido, o que indicia que esses informantes utilizam o *a gente* como uma forma de polidez, seja para tentar uma aproximação com seu interlocutor, ou como estratégia de se manter distante do que está sendo dito.

4.7 SIMETRIA

Ainda na perspectiva de analisar sexo/gênero e polidez, observamos se as relações entre pares (H/H, M/M) são mais espontâneas e produtivas, e se consequentemente as interações entre pessoas de sexo/gênero opostos (H/M, M/H) são mais breves e formais.

Lakoff (2012) defende a ideia de que a diferença entre a criação de meninos e meninas influencia na linguagem de cada um, sendo a linguagem das meninas mais restrita e educada. Mas à medida que essas meninas crescem, há a necessidade de renovar a linguagem para se colocar ao nível dos homens a fim de não serem “menos do que uma pessoa” (LAKOFF, 2012, p. 16). Esse sistema social que sempre ofereceu o poder ao homem pode influenciar nas

relações comunicativas, uma vez que as relações entre pares deixam os interlocutores mais a vontade, enquanto as relações de sexo/gênero oposto tendem a ser mais controladas. Em virtude disso, esperávamos que as ocorrências da forma *a gente* se dessem com maior frequência em relações simétricas: H/H e M/M. Vejamos os resultados para esse fator.

Tabela 21: Uso de *a gente* e Relação.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
H/H	120/223	53,8%	0,28
H/M	201/242	83,1%	0,39
M/H	468/566	82,7%	0,60
M/M	799/884	90,4%	0,53

Os resultados da tabela 21 mostram que as relações H/H tiveram o menor percentual de uso da variante *a gente*, 53,8%, com peso relativo de 0,28, e nas relações assimétricas de H/M, o peso relativo ainda se mantém baixo, 0,39. Já nas relações M/H, é possível notar um aumento significativo da forma inovadora, já que estas possuem peso de 0,60, e as relações M/M atingem o peso relativo de 0,53. Esses resultados instigam nossa curiosidade de saber se a diferença metodológica interfere nesses números. E para isso, analisamos os resultados de cada amostra separadamente.

Tabela 22: Uso de *a gente* e Relação, no banco de dados Falantes Cultos.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
H/H	17/33	51,5%	0,15
H/M	21/29	72,4%	0,30
M/H	226/281	80,4%	0,56
M/M	463/541	85,6%	0,45

Os resultados para o fator simetria na amostra *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* foram semelhantes aos resultados da análise geral, com diferença mais acentuada nas relações H/H, pois aqui o peso relativo foi de 0,15, enquanto nos resultados gerais para esse fator foi de 0,28, mostrando que nas entrevistas sociolinguísticas, a aplicação da forma inovadora foi menos aplicada nas relações H/H. Vejamos os resultados para as interações.

Tabela 23: Uso de *a gente* e Relação, no banco Rede Social.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
H/H	103/190	54,2%	0,35
H/M	180/213	84,5%	0,39
M/H	242/285	84,9%	0,47
M/M	336/343	98%	0,67

Com os resultados apenas da amostra *Rede Social de Informantes Universitários*, confirmamos nossa hipótese de que a relação entre o sexo dos interlocutores interfere nos resultados. As relações entre M/M, neste banco de dados, favoreceram o uso da variante *a gente*, pois a maior probabilidade de aplicação dessa forma se deu nesses tipos de relações, atingindo o peso relativo de 0,67, superando o peso 0,45 das entrevistas.

As relações H/H não apresentam alto percentual de aplicação, mas se comparadas ao modelo tradicional de entrevistas sociolinguísticas, apresentam peso relativo menos desfavorecedores da forma, uma vez que, aqui, apresentou peso relativo de 0,35 e nas entrevistas, 0,15. Ou seja, as mulheres se sentiram mais confortáveis em realizar a forma inovadora em situações comunicativas com relações simétricas, e os homens também tiveram nessas relações um maior favorecimento da forma *a gente* o que também revela a importância de novas metodologias de coleta de dados.

4.8 DISTÂNCIA SOCIAL

O fator distância social é um dos três fatores que a teoria de Brown e Levinson (2011 [1987]) considera como influentes nas escolhas linguísticas de qualquer falante, independente da cultura. Segundo essa teoria, as pessoas tendem a ser mais cautelosas e polidas com aqueles que não conhecem, ou seja, a influência dos laços fortes e fracos entre os interlocutores influencia na escolha das estratégias linguísticas.

Acredita-se que em interações entre estranhos, há uma maior preocupação em “como vou falar para o outro”, e geralmente, há uma maior atenção à face negativa. E essa atenção à fala também pode ser percebida em contextos de aplicação da variante *a gente*, como segue nos exemplos 25 e 26.

- (25) F1: *mas a questão é que ele assim... ele em comparação ele atende todos vamos supor ele atende todas as terças-feiras... né no postinho da feira das panelas **como a gente conhece**... aí ele vai fazer cirurgia... amanhã ele marca uma cirurgia a pessoa faz... vai na maternidade e faz... já é cirurgia simples no mesmo dia no outro dia vai embora... o outro dia ou dez dias no máximo você tem que retornar* (D.C._{cdt} D.M._{sdt} P F_M 13).
- (26) F2: *quem tem amizade e tudo... aqui em Itabaiana tem a questão do posto da feira das panelas **que o pessoal conhece** como da feira das panelas... eu já passei oito horas da noite e tem gente lá... esperando para marcar uma ficha no outro dia...* (C.A._{cdt} D.C._{sdt} D M_F 20).

A partir dos exemplos 25 e 26, podemos verificar que o grau de proximidade não apenas influencia na variação de formas, como também no seu uso. Estes excertos pertencem

à mesma informante, D.C. No primeiro excerto com o domínio do tópico e no segundo sem o domínio do tópico. Ela fala sobre o mesmo assunto, problemas relacionados ao posto médico, mas com pessoas de graus de proximidade distintos.

No primeiro momento quando ela estava interagindo com um informante com quem mantinha relações diárias, ela utilizou a forma *a gente* no momento em que mencionou como a feira popularmente era conhecida. Enquanto no segundo momento, quando interagiu com uma pessoa com laço fraco, ela opta em não utilizar a estratégia de polidez positiva *pressupor e declarar pontos em comum*, chegando a não realizar a forma pronominal, talvez por não ter a certeza de que seu interlocutor conhecesse a feira mencionada.

Logo, sabendo da influência do grau de proximidade nas escolhas linguísticas entre os interlocutores, analisamos se a influência de tal variável foi significativa na utilização de *nós/a gente*. Dessa forma, baseado nesses dois tipos de relacionamentos, próximo e distante, nossa hipótese era de que a forma *a gente* iria surgir em contextos de menor polidez, ou seja, em contextos cujos interlocutores tinham proximidade, o que não foi confirmado, como segue na Tabela 24 abaixo.

Tabela 24: Uso de *a gente* e Distância social.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Próximos	507/658	77,1%	0,35
Distantes	1081/1257	86%	0,57

Os contextos de relações de proximidade não favoreceram a forma *a gente*, tendo peso relativo de 0,35, enquanto os contextos de relações distantes foram favoráveis a esta forma, com peso relativo de 0,57, o que não condiz com o que esperávamos, mas ratifica os resultados que estamos tendo ao longo deste estudo referentes ao grau de proximidade, uma vez que todos apontam para um maior favorecimento de *a gente* em relações de distância social.

Além da análise geral, é pertinente fazermos também uma análise da importância desse fator em cada amostra, como segue nas Tabelas 25 e 26.

Tabela 25: Uso de *a gente* e Distância social, nas entrevistas.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Próximos	112/151	74,2%	0,33
Distantes	615/733	83,9%	0,54

Para a amostra *Falantes Cultos de Itabaiana*, os resultados praticamente foram os mesmos dos obtidos nos resultados gerais, e a maior aplicação para a forma *a gente* ainda se

deu nas relações de distância social, 0,54. Já na Tabela 26, notamos um aumento de favorecimento das duas formas de relacionamento.

Tabela 26: Uso de *a gente* e Distância social, nas interações.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Próximo	395/507	77,9%	0,40
Distante	466/524	88,9%	0,60

O uso de *a gente* nas relações de distância social foi ainda mais favorecido nas interações, com peso de 0,60. Ainda que os resultados não tenham corroborado nossas expectativas, notamos que em relação à amostra *Falantes cultos*, essa variável foi mais produtiva para a forma inovadora nos dois tipos de relações.

Numa tentativa de melhor esclarecimento desses resultados, cruzamos o fator sexo com o fator distância social, dos dados das interações, para verificar se há alguma regularidade. Segue na tabela 27.

Tabela 27: Uso de *a gente* e correlação entre Sexo/gênero e Distância social, nas interações.

	Masculino		Feminino	
Próximo	93/194	48%	302/313	96%
Distante	113/158	72%	353/366	96%

Os informantes do sexo feminino não foram sensíveis à variante distância social, já que não houve diferença no percentual de utilização da forma *a gente*, com 96%, tanto nas relações de proximidade quanto nas de distância. Já os informantes do sexo masculino foram sensíveis à escolha das formas pronominais nesse contexto de polidez que envolve o grau de proximidade, uma vez que a realização da forma *a gente* com pessoas próximas teve um percentual de 48%, enquanto em interações com pessoas distantes apresentou percentual de 72%, contrariando o que esperávamos.

Logo, podemos afirmar que os contextos de maior polidez, no que concerne à distância social, foram ambientes favoráveis à emergência da forma inovadora, e não da forma canônica. E tais resultados devem estar relacionados ao desejo de se aproximar do interlocutor que até então era desconhecido; e como a forma inovadora possui caráter menos específico, esta é utilizada como uma estratégia de polidez positiva, assumindo a posição de marcador de identidade grupal.

4.9 RELAÇÃO DE PODER NO TÓPICO CONVERSACIONAL

Um dos fatores pragmáticos que atua nos contextos comunicativos é a relação de poder que existe entre os interlocutores. Geralmente há uma preocupação de sermos mais polidos com pessoas que apresentam maior poder social que nós, ou ainda quando estamos pedindo algo. Dessa forma, na rede de relacionamentos e nas entrevistas, é importante verificar quais formas linguísticas os falantes realizam no momento em que possuem o domínio do tópico, pedindo que seu interlocutor fale sobre algo, já que neste momento eles tendem a ser mais polidos com o seu destinatário, se comparado com os momentos em que eles se encontram com baixo poder na entrevista ou na interação.

No caso das interações, como um informante ora exercia o papel de locutor, ora de interlocutor, defendemos a hipótese de que haveria maiores diferenças de percentuais de utilização das formas nas diferentes funções locucionais, e que a forma *a gente* estaria mais relacionada aos contextos de interlocução, já que o poder de introdução tópica não estava com o interlocutor. Na Tabela 28, seguem os resultados para esse cruzamento.

Tabela 28: Uso de *a gente* e correlação entre Indivíduo e Locutor/Interlocutor, nas interações.

	Interlocutor		Locutor	
	Apl./total	Percentual	Apl./total	Percentual
DM	87/114	76%	46/58	79%
DS	11/49	22%	7/25	28%
WS	29/52	56%	11/16	69%
CA	10/24	42%	5/14	36%
AG	66/69	96%	104/108	96%
JS	63/67	94%	39/43	91%
DC	167/172	97%	154/157	98%
LR	45/45	100%	17/18	94%

Os resultados que tivemos com esse cruzamento refutam nossa hipótese, porque as diferenças de percentuais dos falantes ora na posição de locutor ora na de interlocutor foram muito próximas. Apenas três informantes utilizaram com menor frequência a variante *a gente* na posição de locutor: CA e LR, ambos com diferença de 6%; e JS, com diferença de 3%.

Mas, quanto às entrevistas, a relação de poder entre entrevistador e entrevistado corrobora nossas expectativas.

Tabela 29: Uso de *a gente* e correlação entre Indivíduo e Locutor/Interlocutor, nas entrevistas.

	Aplic./total	Percentual	Peso Relativo
Entrevistador	9/22	40,9%	0,13
Entrevistado	718/862	83,3%	0,51

O peso relativo de aplicação da forma inovadora pelos entrevistadores foi de 0,13, pouco significativo, enquanto que para os entrevistados foi de 0,51, o que não favorece a aplicação, mas também não desfavorece. Logo, essa preferência do entrevistador pela utilização da forma canônica pode estar relacionada à posição de prestígio que ele ocupou no momento da entrevista.

4.10 CUSTO DA IMPOSIÇÃO E ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

O custo da imposição está relacionado ao peso social que cada pedido apresenta. Meyerhoff (2006) defende que pedir dinheiro é uma imposição maior que pedir a hora a alguém, pois como esta é uma imposição menor, ela pode ser feita a um estranho, já aquela, que é uma imposição maior, geralmente é feita a pessoas com afinidades. Neste estudo, correlacionamos o custo de imposição às estratégias de polidez, posto que a quantidade destas estratégias utilizada pelos interlocutores depende do custo que a pergunta possui.

Como já foi apresentado no capítulo 1, segundo o modelo de polidez de Brown e Levinson (2011 [1978]), todos os atos da linguagem que produzimos em uma interação são ameaçadores de faces, e para que nenhum dos dois interlocutores percam suas faces, há a utilização dos processos de atenuação dos atos ameaçadores da face, FTAs, que se constituem nas estratégias de polidez. Dessa forma, nesse modelo, todos os contextos de fala são encarados como contextos de polidez, podendo estes ser positivos, negativos ou encobertos.

Para o nosso estudo, que está centrado na variação de referência à 1ª pessoa do plural, destacamos, dentre as 40 estratégias de polidez defendidas por Brown e Levinson (2011 [1987]), 4 estratégias que podem estar mais relacionadas ao nosso estudo: usar marcadores de identidade grupal, pressupor e declarar pontos em comum, incluir os interlocutores na atividade, e impessoalizar o falante e o ouvinte.

Usar marcadores de identidade grupal é uma estratégia de polidez positiva, na qual, para Brown e Levinson (2011 [1978]), o falante implicitamente divide o mesmo espaço com o ouvinte. Uma possibilidade de uso dessa estratégia é através de formas de endereçamento, como os pronomes pessoais, que podem ser utilizados como forma de solidariedade (cf. BROWN; GILMAN, 2003, [1960]), ou nomes genéricos como “companheiro”, “amigo”, “querido” etc.

Pressupor e declarar pontos em comum também é utilizado como estratégia positiva. A partir dela, o falante demonstra interesses compartilhados – preocupações, atitudes – com o ouvinte, podendo ainda falar como se fosse o ouvinte, já que o conhecimento a respeito de

algo é igual tanto para o falante quanto para o ouvinte, ou ainda, se o falante demonstrar que sabe dos hábitos, gostos e outros atributos do ouvinte.

Incluir os interlocutores na atividade também faz parte das estratégias de polidez positiva, dado que o falante utiliza as formas *nós* para se referir a ele mesmo ou ao seu interlocutor. A forma *a gente* também se aplica a esta estratégia, desde que também desempenhe valor de pronome inclusivo.

Impessoalizar o falante e o ouvinte é uma estratégia de polidez negativa que também está correlacionada com nosso estudo, pois à proporção que um falante usa uma referência pronominal na 1ª pessoa do plural, ao invés de utilizar um *eu* ou *você* ele intenciona se descompromissar com aquilo que está dizendo.

Com base nos três tipos de estratégia de polidez – positiva, negativa e encoberta - identificamos nos diferentes bancos de dados as ocorrências das variantes *nós/a gente*, a fim de verificar se a aplicação seria mais acentuada em alguma delas. Os resultados seguem na tabela 30.

Tabela 30: Uso de *a gente* e Estratégias de polidez, nas Interações.

	Interações		Entrevistas	
	Aplic./total	Percentual	Aplic./total	Percentual
Negativa	437/545	80,2%	491/615	79,8%
Positiva	405/463	87,5%	235/268	87,7%
Encoberta	48/56	82,6%	1/1	100%

Quanto às interações, o menor grau de aplicação da variante *a gente* se deu em contextos de polidez negativa, com 80,2%, seguido das encobertas, com 82,6%, e chegando à máxima porcentagem de aplicação, 87,5%, em contextos de polidez positiva.

Nas entrevistas, percebemos que o uso da variante *a gente* se deu apenas uma vez em contextos encobertos. Em relação aos contextos negativos, houve um percentual de aplicação de 79,8%, favorável à realização da forma inovadora; sendo também a forma mais utilizada em contextos de polidez positiva, com 87,7%.

De forma geral, podemos concluir que a realização da forma *a gente* teve alto percentual de aplicação em todos os tipos de estratégias de polidez, independente da metodologia de coleta de dados empregada.

4.11 TENDÊNCIAS DE USO DE *NÓS* E *A GENTE*, TIPO DE AMOSTRA E A POLIDEZ

Depois de analisar a comunidade de fala de Itabaiana, a partir de duas amostras coletadas segundo metodologias distintas, os resultados indicaram uma tendência significativa

de aplicação da forma *a gente* como referência à 1ª pessoa do plural, visto que houve a utilização dessa variante em 83% dos casos, deixando evidente que esse uso é compartilhado na comunidade de prática de alunos do Campus Prof. Alberto Carvalho/UFS.

No que tange às amostras, podemos concluir que as diferentes metodologias de coleta de dados influenciaram nos resultados de ordem pragmática. O ambiente da entrevista contribuiu para que os entrevistados fossem mais cautelosos com a forma de falar, enquanto os contextos de interações contribuíram para uma forma mais espontânea; podemos verificar essa influência no poder de aplicação da forma *a gente*, que nas entrevistas teve 0,38 de peso relativo, enquanto nas interações o peso foi 0,60.

Quanto aos resultados para o preenchimento do sujeito, tivemos 91,8% para a explicitação da forma inovadora. Para o fator concordância, 96,3% de verbos que acompanhavam esta forma estavam na 3ª pessoa do singular. O tempo verbal que mais favoreceu a aplicação desta variante foi o pretérito imperfeito do indicativo, com 89,4%. E, quanto à multirreferencialidade, a forma *a gente* foi mais aplicada a referentes semânticos mais genéricos, *eu + ele* com 88,8% e *eu + todos* com 86,1%, mas também foi favorecida, com 35,8%, no uso com referente mais específico, *eu + ele*.

Em relação ao sexo/gênero, no cômputo geral, tivemos possibilidades de aplicação da forma *a gente* de 0,29 para os informantes do sexo/gênero masculino e 0,63 para os do sexo/gênero feminino, e quando analisados apenas os resultados das interações sociais, a possibilidade de aplicação para as ocorrências produzidas pelos homens cai para 0,17, enquanto para as mulheres o peso relativo sobe para 0,69. Essa metodologia das interações também contribuiu para que o fator simetria tivesse maior relevância nos resultados, uma vez que a Rede Social proporcionou pesos de aplicação maiores entre pares: em relações M/M a variante *a gente* teve peso relativo de 0,67, e em relações H/H houve possibilidade de aplicação da mesma variante de 0,35, não favorecendo a utilização da forma *a gente*.

A forma inovadora favoreceu relações com distância social, 0,57, enquanto relações entre próximos obtiveram apenas 0,35. Quanto às relações de poder no tópico conversacional, as entrevistas se mostraram um pouco sensíveis a esse fator, visto que a utilização da forma inovadora teve maior possibilidade de aplicação na fala dos entrevistados, 0,51, enquanto na fala do entrevistador esse número cai para 0,13. E quanto às estratégias de polidez para os dois bancos, a forma *a gente* se mostrou favorável nos três contextos de polidez – positivo, negativo e encoberto.

Dessa forma, fica claro que o tipo de amostra foi significativo para o nosso estudo na comunidade de Itabaiana. Além disso, também é válido salientar que os contextos de maior

polidez (locutor com domínio do tópico, com laços fracos de relacionamento e do sexo oposto ao do seu interlocutor) favoreceram a utilização da variante inovadora, com 85% de aplicação, enquanto nos contextos de menor polidez o percentual cai para 70,9%. Esse contexto mais polido também foi bastante significativo na utilização da forma *a gente* pelos indivíduos do sexo masculino, pois a realização foi de 59,1%, superior ao percentual do contexto menos polido, que obteve 37,8%.

Os resultados nos levam a acreditar que a possibilidade de menor aplicabilidade da variante inovadora nas entrevistas pode está relacionada ao fato de a forma canônica ainda possuir um valor de prestígio na sociedade, por ser a forma que está em todos os compêndios gramaticais da língua portuguesa; e como nossa construção sociocultural dita que, em entrevistas, as escolhas linguísticas têm de estar de acordo com o pregado pela norma culta da língua, a variante *nós* pode ter sido utilizada com maior aplicabilidade a fim de conseguir uma maior aprovação da face do falante, já que, de modo geral, em contextos mais polidos tivemos percentual maior de uso da forma inovadora; comprovando que apesar de a variante canônica ainda possuir valor de prestígio, o seu uso não está estritamente relacionado ao contexto de polidez definido por fatores de ordem pragmática.

Além disso, levando em consideração que o conteúdo das entrevistas se relacionava, na sua grande maioria, a um pequeno grupo, o de estudantes de um dado curso, a maior aplicabilidade da forma canônica, se comparada com as interações em rede, pode ser decorrente do fato de a forma *nós* estar sendo utilizada com valor semântico mais específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a influência do modelo de polidez proposto por Brow e Levinson (2011 [1987]) na variação de referência à 1ª pessoa do plural, *nós/a gente*, além de analisar os efeitos da diferença metodológica de coleta de dados.

No primeiro capítulo, abordamos sobre o modelo de polidez que foi utilizado neste estudo, uma vez que a escolha deste se deu em virtude de ser operacionalizável aos estudos quantitativos. Discorrendo sobre o conceito central da teoria, que diz respeito à preservação das faces dos interlocutores e da quantidade de trabalho necessário para tal tarefa, observamos a importância da distância social entre os interlocutores, do poder que existe entre ambos, do custo da imposição e do sexo/gênero dos falantes para a utilização de estratégias linguísticas - agrupadas em três tipos: positiva, negativa e encoberta – que irão ajudar a manter o equilíbrio na relação, uma vez que as faces do falante e do ouvinte são ameaçadas nos atos de fala.

No segundo capítulo, analisamos fatores linguísticos e sociais de estudos já realizados sobre a variação das formas referentes à 1ª pessoa do plural. Enfatizando a multirreferencialidade das formas pronominais *nós/a gente*, percebemos que a forma inovadora, dotada de um caráter mais genérico, vem ganhando espaço no campo da determinação e pode ser utilizada como estratégia de aproximação entre interlocutores e de distanciamento do que está sendo dito.

O terceiro capítulo foi dedicado aos procedimentos metodológicos adotados neste estudo. Explicamos todos os procedimentos da constituição da amostra *Rede Social de Informantes Universitários*, apresentamos o banco de dados *Falantes Cultos de Itabaiana*, e aproveitamos o espaço para discorrer sobre os conceitos de rede social, baseado em Milroy (2002) e Meyerhoff (2006).

De forma geral, nossos resultados apontaram para o fato de que os contextos de maior polidez favorecem a aplicação da variante *a gente*. As redes sociais proporcionam um contexto mais espontâneo para os interlocutores, se comparadas às entrevistas sociolinguísticas, mas é possível realizar um estudo sobre polidez a partir de um banco de dados de entrevistas sociolinguísticas, já que os nossos resultados referentes às estratégias de polidez utilizadas não mostraram diferenças significativas quanto ao tipo do banco. No entanto, os bancos de dados de entrevistas sociolinguísticas não são os mais apropriados para captar nuances de polidez como relação à simetria e distância social.

Acreditamos que a partir deste estudo, outros na mesma perspectiva de análise também possam ser realizados, no intuito de ampliar as discussões acerca dos fenômenos pragmáticos neste campo de estudo, pois, no momento, temos um déficit muito grande no que diz respeito a trabalhos que analisem a variação das formas pronominais *nós/a gente* e polidez linguística. E essa perspectiva de análise pode ultrapassar esse objeto que investigamos, atingindo também a variação entre “tu” e “você”, além de outros objetos de análise sociolinguística.

Esperamos também ter contribuído para uma nova metodologia de coleta de dados, que se mostrou significativa para captar nuances de polidez. A partir dela, outros pesquisadores podem adotar os mesmos procedimentos e constituir novos bancos de dados aptos a atender às necessidades das atuais pesquisas sociolinguísticas.

Dessa forma, nosso estudo, além de ter contribuído para a constituição do banco de dados *Falares Sergipanos*, com a amostra *Rede Social de Informantes Universitários*, que ficará disponível para toda a comunidade acadêmica, podendo subsidiar várias outras pesquisas, tentou contribuir para a descrição do português falado no agreste sergipano, a partir de dados de fala de informantes da comunidade de prática de universitários, e consequentemente para a descrição do português falado no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, A. S. **“Você me faria um favor?” O futuro do pretérito e a expressão de polidez.** Projeto de mestrado. São Cristóvão, 2014.

ARAUJO, A. S.; BARRETO, E. A.; FREITAG, R. M. **Banco de dados de falantes cultos de Itabaiana.** Aracaju, 2012.

BATTISTI, E. O estudo sociolinguístico da variação. **Anais do CELSUL**, p. 1-13, 2008.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro:** análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. Tese (doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Porto Alegre, 2004.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness:** some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 2011[1987].

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). **Sociolinguistics The essencial readings.** United Kingdom: lackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.

CAMPOS, E. A. **O uso do pronome nós e a gente no gênero entrevista da mídia televisiva:** uma análise do português culto falado em Belém. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/pdf/slp36/04.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2012.

COSTA, J. D. R. **A multirreferencialidade nas formas pronominais nós e a gente na fala de estudantes teresinenses.** Littera online, Maranhão, jul – dez. Núm. 2 – Volume I, 2010.

COULTHARD, M. **Linguagem e sexo.** Trad. de Carmen Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, série Princípios, 1991.

ECKERT, P. **Variation, convention, and social meaning.** Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan. 7, 2005.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidade de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In. **Linguagem, Gênero, sexualidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação Pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia/SC.** Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, R. M. O controle dos efeitos estilísticos dos papéis sociopessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolinguística. In: **Anais do II Congresso internacional de dialetologia e sociolinguística**, p. 289-296, 2012.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual**: essays on face-to-face behavior. New York: Doubleday Anchor, 1967.

GRICE, H. P. Logica e Conversacao. In: DASCAL, M. (ed.). **Fundamentos metodológicos da linguística**: problemas, críticas, perspectivas da linguística. Tradução: Joao Wanderlei Geraldi. São Paulo: UNICAMP, 5, p. 81-103, 1982 [1975].

KERBRART-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Contexto, 2008 [1972].

LAKOFF, R. **The Logic of Politeness**; or, Minding your P's and Q's. Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, p. 292-305, 1973.

_____. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (orgs.) **Linguagem, Gênero, sexualidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p 13 - 30.

LARA, C. C. **Variação fonológica, redes e práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil Meridional**. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre, 2013.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LOPES, C. R. S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. Delta. Vol. 14 n.2 São Paulo, 1998.

_____. **A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração**: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n. 1 (47-80), julho de 2004.

LOPES, C. R. S.; VIANNA, J. B. S. **Nós e a gente na sincronia**: correlação entre os traços formais e os semântico-discursivos. Anais do 5º encontro do celsul, curitiba-pr, 2003 (671-676).

MENDONÇA, A. K. **Nós e a gente na cidade de Vitória**: análise da fala capixaba. Revista PerCursos Linguísticos. Vol. 2, n. 4, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173>>. Acesso em: 18 jun. 2013.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. Taylor & Francis e-Library, 2006.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. Eds. **The handbook of language variation and change**. Oxford Blackwell Publishing, 2002.

- PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 33-42.
- TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, 2002.
- SANKOFF, D.; TAGILIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb x**: variable rule application for Macintosh and Windows. Toronto: University of Toronto, 2005.
- SANTOS, J. H. V. **Polidez e inclusão: o “ser” e o “parecer” no discurso de professores sobre a inclusão da pessoa com deficiência na escola**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Cristóvão, 2012.
- SEARA, I. C. **A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana**. Estudos da língua falada, v. 14, n. 28-29. 2000.
- SILVA, C. C. C. **A variação nós e a gente no português culto carioca**. Revista do GELNE, Piauí, V. 12, n. 1, 2010.
- VIANNA, J. B. S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- ZILLES, A. M. S. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?** Letras de Hoje, V. 42, n. 2, p. 27-44, jun 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Controle do grau de relação entre os informantes da rede social

- INTERAÇÃO 1

Nome do interlocutor: _____

Como você classificaria o seu grau de relação com o interlocutor no momento da interação?

- () Grau 1 – Bastante próximo. Os informantes possuem laços fortes (amizade, parentesco, colega de trabalho ou escola etc.) e interagem diariamente;
- () Grau 2 – Próximo. Os informantes interagem frequentemente, mas não possuem laços fortes;
- () Grau 3 – Próximo. Os informantes não interagem frequentemente e não possuem laços fortes;
- () Grau 4 – Neutro. Os informantes se conhecem, mas não interagem com frequência;
- () Grau 5 – Distante. Os interlocutores não se conheciam anteriormente e só conversaram no momento da gravação da interação.

Elenque o(s) tipo(s) de relação(ões) que possui um com o outro fora da universidade (vizinho, irmão, amigo etc.):

Número dos cartões de situações escolhidos: _____

- INTERAÇÃO 2

Nome do interlocutor: _____

Como você classificaria o seu grau de relação com o interlocutor no momento da interação?

- () Grau 1 – Bastante próximo. Os informantes possuem laços fortes (amizade, parentesco, colega de trabalho ou escola etc.) e interagem diariamente;
- () Grau 2 – Próximo. Os informantes interagem frequentemente, mas não possuem laços fortes;
- () Grau 3 – Próximo. Os informantes não interagem frequentemente e não possuem laços fortes;
- () Grau 4 – Neutro. Os informantes se conhecem, mas não interagem com frequência;
- () Grau 5 – Distante. Os interlocutores não se conheciam anteriormente e só conversaram no momento da gravação da interação.

Elenque o(s) tipo(s) de relação(ões) que possui um com o outro fora da universidade (vizinho, irmão, amigo etc.):

Número dos cartões de situações escolhidos: _____

- INTERAÇÃO 3

Nome do interlocutor: _____

Como você classificaria o seu grau de relação com o interlocutor no momento da interação?

- () Grau 1 – Bastante próximo. Os informantes possuem laços fortes (amizade, parentesco, colega de trabalho ou escola etc.) e interagem diariamente;
 () Grau 2 – Próximo. Os informantes interagem frequentemente, mas não possuem laços fortes;
 () Grau 3 – Próximo. Os informantes não interagem frequentemente e não possuem laços fortes;
 () Grau 4 – Neutro. Os informantes se conhecem, mas não interagem com frequência;
 () Grau 5 – Distante. Os interlocutores não se conheciam anteriormente e só conversaram no momento da gravação da interação.

Elenque o(s) tipo(s) de relação(ões) que possui um com o outro fora da universidade (vizinho, irmão, amigo etc.):

Número dos cartões de situações escolhidos: _____

- INTERAÇÃO 4

Nome do interlocutor: _____

Como você classificaria o seu grau de relação com o interlocutor no momento da interação?

- () Grau 1 – Bastante próximo. Os informantes possuem laços fortes (amizade, parentesco, colega de trabalho ou escola etc.) e interagem diariamente;
 () Grau 2 – Próximo. Os informantes interagem frequentemente, mas não possuem laços fortes;
 () Grau 3 – Próximo. Os informantes não interagem frequentemente e não possuem laços fortes;
 () Grau 4 – Neutro. Os informantes se conhecem, mas não interagem com frequência;
 () Grau 5 – Distante. Os interlocutores não se conheciam anteriormente e só conversaram no momento da gravação da interação.

Elenque o(s) tipo(s) de relação(ões) que possui um com o outro fora da universidade (vizinho, irmão, amigo etc.):

Número dos cartões de situações escolhidos: _____

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro informante,

Estamos convidando-o a participar como voluntário de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de microssituações de interação sobre temas relacionados a experiências de vida.

A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos um trabalho acadêmico vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras.

A entrevista coletada ficará disponível no bando de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS; para ser utilizada em pesquisas futuras. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato.

Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, seja por motivo de constrangimento e/ou outros motivos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Consentimento para participação

Eu, _____, idade: _____, estado civil: _____, RG: _____, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional a que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico. Ao mesmo tempo, libero a utilização de minha entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 196/96. Autorizo também que a minha interação fique disponível no banco de dados acima referido para ser utilizada em pesquisas futuras.

Assinatura do (a) participante: _____, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Assinatura do (a) coordenador (a)/orientador(a): _____

APÊNDICE C – Cartões para as interações conduzidas

Situações neutras

1

Em um acidente, Lucas teve a perna esquerda quebrada e ferimentos em várias partes do corpo. Foi levado imediatamente ao HUSE, mas chegando lá, ele só foi atendido 17 horas depois, devido à superlotação.

2

Maria está na sala de espera de um consultório médico. Impaciente com a falta do que fazer enquanto espera, resolve puxar assunto com uma pessoa que está ao seu lado. Maria inicia a conversa falando sobre a programação da televisão aberta.

3

Eu e minha família temos acompanhado o problema da seca no nordeste através dos meios de comunicação. Um problema que alastra nosso país há muitos anos e nada tem sido feito de forma efetiva para solucioná-lo.

4

A violência nos arredores da UFS tem aumentado muito. Um dia desses, eu e minha amiga passamos pela situação desagradável de ser assaltada e agredida pelos criminosos.

5

Atualmente, o aumento da procura de remédios genéricos vem crescendo, tal comportamento é decorrente do seu valor, mas mesmo assim, muitas pessoas não optam por esse tipo de medicamento.

6

Sou filho(a) único (a) e moro com a minha mãe, que sofre de colesterol alto. Durante a semana, na minha casa, tem-se uma alimentação bastante saudável, baseada em proteínas e carboidratos, mas aos sábados e domingos é indispensável um churrasquinho.

7

A credibilidade que um profissional possui perante a sociedade, muitas vezes pode ser notada nas conversas de pacientes que estão à espera da consulta médica desse profissional, pois aqueles que ainda não são pacientes sempre procuram informações sobre ele.

8

O período de férias é um dos mais desejados por muitos. Viajar, conhecer outros lugares, estar próximo dos amigos e familiares é muito gratificante. Sem falar das recordações que ficam dos amigos e familiares.

9

O aumento do uso de redes sociais *online* é exorbitante. Pessoas de todas as idades têm aderido a esse sistema de comunicação.

10

Um dos grandes problemas sociais do Brasil é o desemprego. A economia do país vem crescendo, mas não o suficiente para gerar a quantidade de empregos necessários.

Situações de referência ao passado

11

Em período de férias e finais de semana, o ponto de encontro era a casa dos nossos avós. Lá se juntavam vários primos e as brincadeiras eram de todos os tipos.

12

O primeiro dia de aula é sempre um dia de muitas expectativas. Eu e os outros alunos sempre a elogiar a professora, e nunca faltavam oportunidades de presentear-lá.

13

Na minha infância, as brincadeiras eram um pouco diferente das atuais. Eu, meus irmãos e meus vizinhos brincávamos de pega-pega, de brincadeiras de roda etc.

14

Geralmente as nossas melhores recordações estão relacionadas à nossa infância, e a casa onde morávamos é o cenário principal. São lembranças de locais, objetos e momentos inesquecíveis para mim e meus irmãos.

15

As intrigas sempre estão presentes entre os irmãos. Sempre há aquele momento em que um olha para o outro e diz: “nunca mais fale comigo”. Mas poucas horas depois eles já estão juntos novamente.

16

Durante a infância temos uma imaginação muito fértil que nos permite ir a lugares extraordinários, ser super-herói, ter poderes sobrenaturais, viajar sem sair de casa, etc.

17

Quando crianças, sempre que eu e o primo nos reuníamos para assistir desenhos animados era uma briga para ver quem era o personagem principal.

18

Os valores ensinados pelos meus pais refletem na pessoa que eu e meus irmãos nos tornamos hoje.

19

Um dos dias mais tristes de Ana foi o dia em que perdeu um membro da família. Ela perdeu o seu pai quando ainda era muito pequena. Este faleceu, tragicamente, em decorrência de um acidente de carro.

20

Ana era uma criança muito traquina. Todas às vezes que saía para algum lugar, aprontava alguma.

Situações de referência ao futuro/futuro do pretérito**21**

Pedro está terminando a graduação e está muito preocupado com a sua vida após a faculdade. Muitos são os planos.

22

Eu e minha vizinha chegamos às seis horas, na clínica, para garantir as primeiras consultas com um clínico geral. Chegando o horário de atendimento, a recepcionista começa a colocar outros pacientes que não são preferenciais na nossa frente.

23

O professor de metodologia científica pediu como trabalho final da disciplina um artigo. Antes de entregar o resultado da avaliação dos trabalhos ele disse que um aluno havia plagiado o trabalho, que estava publicado em uma revista, de um amigo. Fiquei abalado só de pensar na possibilidade de alguém ter feito isso comigo.

24

Uma professora presenciou uma cena de bullying na escola. Ela ficou tão abalada que não soube o que fazer no momento.

25

Pedro vive sonhando em ficar rico através da sorte. Toda semana ele joga na mega sena e fica sonhando com as diversas coisas que pode fazer quando ganhar o dinheiro.

26

Henrique e Luana descobriram que seu pai estava tendo um caso com um colega de trabalho. O pai pediu para os filhos não contar para a mãe, mas insatisfeitos com a atitude dele, passaram a informação para a mãe, a qual pediu o divórcio no dia seguinte.

27

Pedro tem certeza que Ana gosta do curso superior que faz, mas sempre teve curiosidade em saber qual outro curso estava entre as opções no momento em que teve que decidir.

28

Traição é algo muito ruim em qualquer tipo de relacionamentos. Ana é uma pessoa que tem muita dificuldade em confiar nos outros. Ela não sabe nem o que fazer caso descubra algum dia que alguém de sua confiança esteja traindo-a.

29

Ana está vendo o jornal no momento em que estão noticiando o incêndio da boate Kiss em Santa. Ana ficou surpresa com a atitude que muitos jovens tiveram ao voltar na boate e arriscar a própria vida para salvar a de outras pessoas. Ana ficou na dúvida ao como agir em uma situação semelhante.

30

Certo dia Ana estava entrando em uma farmácia e viu que um adolescente estava furtando produtos do estabelecimento e escondendo dentro de suas calças. Ana ficou tão estarecida que ficou sem ação.

Situações de preservação de face positiva

31

A frota de ônibus destinada ao transporte público da capital continua precária, bem como os terminais rodoviários, e a tarifa foi aumentada. Como uma forma de protesto, universitários estão se reunindo para não utilizarem esse serviço por uma semana.

32

Diego e Bárbara foram aprovados no concurso de medicina da UFS através do sistema de cotas para alunos da rede pública. E ultimamente alguns alunos não cotistas se negam a desenvolver trabalhos acadêmicos com eles.

33

Nos últimos dias aconteceram várias manifestações populares em todo o Brasil em prol de melhorias sociais em diversos âmbitos, mas nem todos veem com bons olhos essa ação.

34

A degradação do meio ambiente é crescente. Embora todos saibam que esse problema é de todos e que é necessário mudar alguns hábitos que prejudicam o meio ambiente e por em prática medidas para diminuir e reconstruí-lo, muitos têm se comportado como se o problema não fosse seu.

35

Nos últimos dias, a diversidade sexual ganhou um enfoca exorbitante na mídia e nas redes sociais. Tal fato é decorrente de declarações de pessoas públicas que estão se posicionando contra ou a favor das diversas formas de expressão da sexualidade humana e dos direitos que estes possuem.

36

O governo do PT desenvolve o programa Bolsa-família com o intuito de combater a fome no Brasil, mas nem todos veem com bons olhos essa ação.

37

Maltratar animais é crime e prevê pena de 3 meses a um ano de detenção. Bruna e Letícia presenciaram o vizinho espancando um cachorro. Bruna pensou de imediato em acionar a polícia militar ambiental, já Letícia pensou em prestar atendimento ao animal.

38

Com dois meses de casados, Jonas obrigou sua esposa a pedir demissão do emprego, alegando que ela tinha que cuidar da casa. Alguns meses depois começou a espanca-la, sendo denunciado à polícia, por duas amigas de sua esposa.

39

O sistema educacional do Brasil apresenta-se, ainda, muito deficitário. Melhorar a qualidade da educação deve ser prioridade do governo. Cabe à sociedade cobrar e fiscalizar as ações do governo.

40

Pedro é uma das pessoas que ainda pensa que a cor faz uma pessoa ser melhor que a outra. Diversas vezes demonstrou para as pessoas com as quais convive que pensa assim ao agir de modo preconceituoso.

Situações de preservação de face negativa

41

Dias antes de a menstruação descer, as mulheres passam por um período chamado tensão pré-menstrual, no qual, devido às alterações hormonais, pode ser observado a irritabilidade, agressividade, dor nas mamas, dor de cabeça etc., impactando tanto na vida das mulheres como na dos homens que estão ao seu redor.

42

Daniela estava aguardando ser atendida em uma agência bancária quando começou a conversar com um desconhecido, o qual estava muito interessado em saber a situação financeira da mesma. Inocentemente ela falou que iria sacar uma quantia significativa para efetuar o pagamento de um imóvel. Na saída do banco, ela foi assaltada.

43

Uma das grandes vilãs que os homens temem em um ato sexual é a disfunção erétil, ou seja, a incapacidade de conseguir ereção satisfatória para o ato sexual, que pode ser ocasionada pela falta de desejo, pela ejaculação precoce ou retardada etc., trazendo insatisfação tanto para o homem quanto para a mulher.

44

A programação dos barzinhos nos finais de semana é frequente entre os jovens. Lá sai conversas para todos os gostos, e claro que não podem faltar os históricos sexuais de cada um daquela semana. Assim como estão presentes também nas reuniões femininas.

45

Luana e Brena estavam relembrando da primeira vez delas. Em meio a tantas gargalhadas a mãe das duas chegou sem que elas percebessem e descobriu que elas perderam a virgindade muito antes do que ela imaginava, o que a deixou muito magoada.

46

Pedro possui uma família unida e feliz. Ao conversar com um rapaz, explica como sua família é estruturada, o que fazem, os lugares que frequentam, o que cada um gosta de fazer e a ocupação profissional que cada um tem.

47

Maria tem problemas intestinais que lhe provocam gases. Certo dia ela estava conversando com o diretor da empresa que trabalha e de repente veio àquela vontade incontrolável e Maria não teve como se conter. A sala em que eles estavam ficou com um mau cheiro insuportável.

48

Pedro, assim como a maioria dos homens, pensa que falar da vida alheia é uma característica feminina. Sua irmã disse que colocar os assuntos em dia é indispensável nos grupos de amigas e que os homens também não deixam as novidades passarem despercebidas.

49

A amiga de Ana está precisando de dinheiro para fazer alguns pagamentos urgentes relacionados à saúde. Ana conhece muito bem a amiga e sabe que se emprestar o dinheiro não verá a cor deste tão cedo. Devido a isto, Ana não sabe como dizer que não pode emprestar o dinheiro.

50

Pedro observa muito o comportamento/attitudes das pessoas. Um dia desses, Pedro avaliou as competências positivas e negativas de um amigo frisando principalmente esta última.

ANEXOS

ANEXO A – Ficha social do informante

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Data:

Local da gravação:

Pesquisadores:

INFORMANTE:

Código do informante:

Apelido (se tiver):

Estado civil:

Sexo:

Zona de residência: () rural () urbana

Bairro:

Local de nascimento:

Data de nascimento:

Profissão/ocupação:

Outras atividades:

Instrução: () sem instrução

() até a 4ª série

() até a 8ª série

() cursando ou tendo cursado o 2º grau

() superior em curso Qual? *Geografia*

() superior completo Qual?

() outro nível Qual?

Escolas que estudou: Fundamental 1 () pública () privada

Fundamental 2 () pública () privada

Ensino Médio () pública () privada

Já viajou? () sim () não () permaneceu pouco () permaneceu muito

Lugares que visitou:

Mora com a família: () sim () não

Morou por mais de um ano em outro município? () sim () não

Nome do(s) lugar(es) em que morou e tempo aproximado:

Prestou Serviço Militar? () sim () não

Cidade em que prestou Serviço Militar:

Ouve rádio? () sim () não

Quais emissoras?

Programa(s) preferido(s)?

Vê televisão? () sim () não

Quais canais?

Programa(s) preferido(s):

Tem hábito de ler? () sim () não

Que tipo de leitura?

DADOS RELATIVOS AOS PAIS DO INFORMANTE

Em que município nasceu e morou por mais tempo?

a) o pai nasceu:

morou:

Idade: Ocupação:

Grau de escolaridade:

b) a mãe nasceu:

morou:

Idade: Ocupação:

Grau de escolaridade:

ANEXO B – Normas adotadas pelo Grupo de Estudos em Linguagem Interação e Sociedade (GELINS) para a realização de transcrição ortográfica

OCORRÊNCIA	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Qualquer tipo de pausa, substituindo todos os sinais específicos da língua escrita que desempenham tal função: ponto e vírgula, ponto final, dois pontos e vírgula	...	não é o que era antigamente... onde a gente não... sabia de nada
Interrogação	?	sabe o que é?
Comentário do transcritor sobre o que está acontecendo no ambiente	(())	((RISOS)) ((PIGARRO))
Fala de F ₁	Itálico	<i>me conte um texto</i>
Estímulo do interlocutor	(est)	ói aqui a marquinha (est) ói ela aqui
Hesitação do locutor	(hes)	foi (hes) uma brincadeira bem interessante
Truncamento de palavra	-	come- começou
Nomes próprios, profissões, nomes de cursos, filmes	iniciais maiúsculas	... fui à Petrópolis uma ...
Palavras não dicionarizadas	<<>>	<<bora>><<afugiado>>
Discurso direto	“ ”	eu saio pra apresentar trabalho fora eles têm orgulho “ah ela saiu pra outro estado tá apresentando trabalho da universidade” então de certa forma isso é um apoio...
Números	por extenso	eu tenho vinte e oito anos...
Incompreensão do que ouviu	()	
Hipótese do que ouviu	(hipótese)	ter que estudar lá no no campus de São Cristóvão ia re- ia reque- requerer da minha (como a associação) que eu teria que pagar todos os meses...
Onomatopeias e siglas	caixa alta	A questão do incentivo de participação de eventos porque assim de eventos por exemplo a OCMEA ela é incentivado por todos os professores
Sobreposição de vozes	[E: você acha que... então talvez seja por isso que o Brasil num vai para frente a maioria dos brasi- dos brasileiros ainda são analfabetos né? infelizmente [F: isso
Nome do informante	nome ((sobrenome))	David ((sobrenome))